A UNIÃO SOVIÉTICA E O BOLCHEVISMO DE UMA FORMA QUE VOCÊ NÃO CONHECE

Considerações

A ideia que me surge pela madrugada me faz vir a público e expor o que li, vi e absorvi de fatos documentados e fidedignos à história que não te contaram sobre a União Soviética.

Hoje, 03/12/2018 às 02h26, ainda não me encontro com idade para passar tanta credibilidade mas peço que você, de per si, pesquise o que for falado aqui, na realidade, a leitura deste livro, que escrevo com humildade mas com muito entusiasmo, é pra ser feita de forma pausada, pesquisando nome a nome dos citados e documentados aqui.

Escrevo com o único fim de esclarecer de uma vez por todas o motivo de algo tão bárbaro como a União Soviética ter existido e ter feito o que fez com todos os avais e conluios de claques internacionais possíveis que, fecharam os olhos para as monstruosidades que Lênin e Stalin, em diferentes épocas com a mesma brutalidade, fizeram ao povo russo e do Leste Europeu.

Como brasileiro que sou, não existe um motivo plausível para eu estar advogando a favor do povo russo ou do Leste Europeu, na realidade, não advogo a favor deles sozinho, mas COM eles no sentido de tentar esclarecer e mostrar o lado da história que não foi mostrada durante todos esses anos numa forma de defesa dos povos do Leste.

É óbvio que vertentes historiográficas são feitas para contestarem mesmo o que é escrito, principalmente quando se é escrito por uma

pessoa que não é historiadora, mas há de se respeitar os defensores do revisionismo da Segunda Guerra Mundial e principalmente: dar o devido valor a quem se propõe a documentar fatos importantíssimos como os vividos pelos russos e povos do Leste Europeu sob a égide leninista e stalinista.

Não pretendo fazer nenhum juízo de valor com relação a TODOS os fatos aqui apresentados, mas vez ou outra procurarei expor a minha opinião sobre um ou outro fato aqui apresentado. Tentarei ao máximo ser VERDADEIRO e não IMPARCIAL porque afinal, pelo título e por esse texto, fica bem explícito qual a minha posição com relação aos Bolcheviques.

Como procuro falar sobre BOLCHEVIQUES E BANQUEIROS QUE MARACARAM HISTÓRIA NA UNIÃO SOVIÉTICA QUE "NÃO SÃO LEMBRADOS" PELA HISTORIOGRAFIA REGULAR citando nomes que não são lembrados, muitos fatos aqui relatados podem estar fora de certa ordem cronológica, mas isso não descredibiliza de maneira alguma o que é escrito aqui.

Dito isto, escrevendo com toda humildade possível e tentando ser fidedigno aos fatos documentados aqui, espero que faça uma boa leitura e mais, da forma que expliquei: pausada e com calma, pesquisando nome a nome citado aqui, movimento por movimento, cidade por cidade, país por país, para você entender tudo, mas tudo mesmo.

Sempre lembrando que a ideia central aqui é citar nomes de maneira breve, não se trata de um historiador escrevendo, muito menos de alguém que quer ser tal.

A CRIAÇÃO DA UNIÃO SOVIÉTICA

Um dos grandes mitos pós Segunda Guerra Mundial, que é repetido como um mantra pelos universitários engomadinhos com síndrome de abraçar todas as causas do mundo, é de que a União Soviética teria sido construída com a força do povo e assim se manteve durante os anos em que era um país de fato, mas isso não poderia estar mais longe da realidade. Nada poderia estar mais falso que isso.

O que acontece é que a União Soviética foi um grande projeto de poder político-econômico de uma pequena claque internacional que tinha certo apreço pela ideia de dominar um país, principalmente um que estava em frangalhos como a Rússia czarista, que inclusive, muitos adeptos ao marxismo tentam justificar o assassinato da Família Imperial Romanov com "Mas eles exploravam o povo", algo que não poderia demonstrar mais ignorância e falta de empatia com pessoas que nada fizeram e sequer puderam reagir.

Tudo começa, de verdade, com Jacob Schiff, um banqueiro internacional nascido em Frankfurt, na Alemanha, em 1847 e migrou para os Estados Unidos quando a Guerra Civil Americana terminou. Lá ele se juntou ao Kuhn & Loeb Co., que era um banco de investimento multi-nacional norte-americano, e foi galgando seu caminho para o que seria conhecido como "Era Schiff".

Ele se tornou diretor do Banco da Cidade de Nova Iorque, da Wells Fargo e muito mais. Era um às com negócios.

Em 1904, em Nova Iorque, a firma Kuhn & Loeb Company de Jacob Schiff levantou fundos para fazer um empréstimo ao Japão, que seria usado na Guerra Russo-Japonesa contra a Rússia czarista. Jacob não apoiava a Rússia czarista, na realidade, todas as pessoas que citarei aqui sequer suportavam a ideia da Rússia continuar aos moldes da Família Romanov.

Então, Schiff, se encontrou com Takahashi Korekiyo, que era o Ministro das Finanças do Japão durante a Guerra Russo-Japonesa e então, este, foi a ponte para seu empréstimo de $200 milhões de dólares (equivalente a bilhões em 2016!). Realmente não mediu esforços para financiar a guerra que seria o início da derrocada russa. Foi simplesmente metade do que o Japão tinha para usar na guerra. Quer dizer, o Japão também não andava bem das pernas naquela época.

Mas qual teria sido o motivo de tamanha generosidade de Schiff? Bem, não se entende muito até hoje, mas alguns historiadores acreditam que por ele ter lidado bastante com o anti-semitismo na época, viu esse empréstimo como uma espécie de resposta ao que a Rússia vinha fazendo com os judeus no Pogrom de Kishinev, que hoje é Chișinău, Moldávia. Além de achar que o ouro naquela época não valia muita coisa se comparado ao esforço nacional japonês de vencer uma guerra.

Bem, o Japão ganhou a guerra, o Tratado de Portsmouth é assinado e acredita-se que tudo aconteceu graças ao empréstimo generoso, já que foi possibilitado ao país comprar mais armas com o dinheiro emprestado, e Schiff fez seu nome. O seu e o do povo judeu.

Esse empréstimo teve conseqüências graves e internacionais já que ficou evidenciado naquela época qual era o tamanho do poder do povo judeu (pelo menos os banqueiros) e então, o escrito de 1903, chamado *Protocolos dos Sábios de Sião* veio à tona mostrando que não tinha só baboseira escrita

neste livro, mas muita coisa que realmente aconteceu e ficou testemunhada naquela época.

Jacob Schiff recebeu do Japão a Ordem do Tesouro Sagrado; e em 1907, a Ordem do Sol Nascente, a Estrela de Ouro e de Prata, a segunda mais alta das oito classes daquela Ordem. Schiff foi o primeiro estrangeiro a receber a Ordem pessoalmente do Imperador Meiji no Palácio Imperial. Enfim, os japoneses souberam agradecer ao alemão que os ajudou naquele momento.

Neste momento estamos presenciando a vitória japonesa na Guerra Russo-Japonesa por meio de um empréstimo possibilitando a compra de mais armamento para combater os russos, aqui, estamos em 1905.

5 de Setembro de 1905 para ser mais exato.

E então, a Primeira Guerra Mundial eclode, em 28 de Julho de 1914. Gavrillo Princip matara o Arqueduque do Império Austro-Húngaro, Francisco Ferdinando. O Império Austro-Húngaro declara guerra contra a Sérvia, país de origem de Princip, e então, tudo começa de verdade. Lembre-se: onde há guerra, há dinheiro e se há dinheiro, há banqueiros.

Jacob Schiff, sabendo que a Primeira Guerra Mundial tinha começado, pediu ao Presidente dos Estados Unidos da época, Woodrow Wilson, para tentar parar a guerra o mais rápido possível, visto que sua família ainda estava na Alemanha, e que esta participaria ativamente da Primeira Guerra Mundial.

E então, mais um empréstimo... Schiff acabou emprestando dinheiro à França para “causas humanitárias”.

Schiff fez questão que nenhuma parte do seu dinheiro fosse para a Rússia Imperial, o país sequer recebeu alguma ajuda do banqueiro internacional durante a era czarista. E é óbvio que o país já vinha mal das pernas, na

realidade, o sentimento do povo russo com relação ao czar não era dos melhores, mas ninguém sequer cogitara assassinar o que seria o último imperador da Rússia, Rei da Polônia e Grão-Duque da Finlândia, Nicolau II.

Durante o Império Romanov na Rússia, grande parte dos bolcheviques (que seriam conhecidos como tais anos depois do regime czarista cair) foram exilados da Rússia por motivos político-criminosos e acabaram indo para países-satélite à Rússia. Nomes como Kaganovich, Yagoda, Beria, Kamenev, Stalin, Yezhov, Lenin, Trotsky, Bukharin, Sverdlov, Rykov, Zinoviev, Molotov, Emakov e mais, que viriam ajudar a consolidar o que seria conhecido como União Soviética, estavam exilados por crimes que cometeram na Rússia de Nicolau II.

Já estamos em 1918, a Primeira Guerra acabou e junto com ela veio o ano do assassinato da Família Romanov, um ano negro para a Rússia, que perderia seu último imperador para a facção bolchevique, que tomaria o poder alguns anos depois.

Bem, não era só Jacob Schiff que simpatizava com a ideia de acabar com a Rússia czarista, ares suecos começaram a soprar dentro de Nova Iorque e Olof Aschberg, que teria feito um empréstimo à Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial, o que ficou mal para sua imagem e o forçou a mudar o nome de seu banco, que seria conhecido como Svensk Ekonomiebolaget, também demonstrou interesse em derrubar o czar e montar uma nova Rússia, aos moldes comunistas.

Olof já era do Partido Comunista da Suécia e acabou conhecendo durante um encontro no Congresso Socialista Jovem da Suécia em 1917, Willi Münzenberg, que fazia parte do Partido Comunista da Alemanha e

advogava por uma reconstrução da Rússia pós queda do czar (que será explicada ponto a ponto aqui).

O ASSASSINATO DA FAMÍLIA ROMANOV

Tudo começa com Yakov Sverdlov, que seria o líder e mandante do grupo que executaria brutalmente a Família Romanov por inteira, em 17 de Julho de 1918.

Como dito anteriormente, grande parte dos executores da Família Romanov e dos bolcheviques que tomaram o poder da Rússia Imperial estavam exilados na Sibéria pagando por seus crimes. Sverdlov por exemplo, era um assaltante de bancos e terrorista como Stalin, Julius Martov e Aaron Solts.

Sverdlov era o pior de todos, o mais sádico, o mais psicopata, e ele se acostumou com isso, afinal, todos em seu meio já o conheciam e sabiam que Sverdlov era assim e nada o mudaria. E realmente nada mudou.

Em 1905, Sverdlov, muito audacioso e sem simpatia nenhuma pelo regime czarista, acabou por criar o Esquadrão de Batalha das Armas do Povo nos Montes Urais e abateu policiais sem a menor pretensão de se arrepender disso algum dia. O grupo acabou crescendo e ficando forte através de assaltos e assassinatos que eram feitos.

Philippe Goloshchekin (Shaya-Isay Fram) foi o “ajudante pessoal” de Sverdlov e atuou arquitetando todos os passos do grupo que atuaria na região dos Urais, com Sverdlov nomeando milimetricamente pessoas que seriam de sua confiança para serem leais e ele e seus “ensinamentos”.

Existiam Comissários de Alimentos, Comissários de Justiça e Comissários de Suprimentos, o que logo faria da região dos Urais a base do grupo terrorista de Sverdlov. A região dos Urais tornou-se o feudo de Yakov Sverdlov. Não foi por acaso que a cidade de Ecaterimburgo de 1924 a 1991 tinha o nome de Sverdlovsk. A rua em que estava localizada a Casa Ipatiev, onde os massacres foram realizados foi renomeada para Rua Sverdlov. Mostrando que se tornou realmente um homem conhecido por onde passou, infelizmente, pelos crimes.

Alexander Georgievich Beloborodov, que estava atuando como membro da Comissão Regional de Partidos da Região Ural, foi um dos arquitetos do assassinato da Família Romanov. Este, teria assinado um documento que passou por Philippe Goloshchekin e com a chancela de Sverdlov, o líder do grupo que assassinaria os Romanov, a decisão foi unânime: a Família Romanov precisava ser liquidada, pois era um obstáculo para a Revolução que tanto sonhavam. Assim se fez.

Yakov Sverdlov (Yankel Solomon), Philippe Goloshchyokin (Shaya-Isay Fram Goloshchekin), Pyotr Voykov (Pinhus Wainer), Beloborodov Alexander Georgievich (Vaisbart Yankel Isidorovich), Konstantin Myachin (Vasily Yakovlev), Georgy Safarov (Voldin) e os executores Peter Ermakov, Mikhail Medvedev (Kudrin), Pavel Medvedev e Grigory Nikulin colocaram em prática o plano e conseguiram matar a Família Romanov em 18 de Julho de 1918.

Yurovsky ficou responsável por “supervisionar” a execução enquanto Voykov foi delegado para se livrar dos restos mortais da família brutalmente assassinada por meio de ácido sulfúrico ou o que quer que seja para não haver rastros ou qualquer chance de sobrevivência do código genético Romanov na Europa.

Os corpos de Olga, Maria, Nicolau II, Alexandra, Anastásia, Alexei, e Tatiana foram desmembrados e jogados numa floresta perto da Casa Ipatiev e ateados fogo, onde ficaram queimando por dois dias. Estava completo, não havia rastros dos Romanov.

Mas nem o pior dos psicopatas deixa de ser humano, literalmente. Voykov disse após ver a cena dos corpos queimando: *"Foi uma imagem terrível. Nós, os participantes dos cadáveres em chamas estavam francamente deprimidos com relação a esse pesadelo. Até mesmo Yurovsky, no final, não resistiu e disse que mesmo aqueles poucos dias e ele teria enlouquecido."* Mas nem de longe essa declaração ameniza o estrago, que seria ainda maior alguns depois.

Estava completo. Não havia mais império. Estamos em 1918 e o czar foi morto. O que poderia haver depois? O que aconteceria agora com a Rússia?

Com o caminho livre, literalmente, e com certo dinheiro já sendo visto e tateado por Trotsky, por exemplo, quando em 1916 foi aos Estados Unidos após um exílio da França (acredita-se que Schiff teria pago suas despesas, o que apesar de não estar estritamente documentado, não é algo impossível de ter acontecido visto que Trotsky àquela época não teria como arcar com viagens e o recomeço de uma vida em outro país à época).

É possível observar que Trotsky teria sido sim sustentado por Schiff enquanto esteve nos Estados Unidos pelo seu livro "*Minha vida",* onde ele declara: *"A esposa e os meninos para fora e foi muito gentil com eles. Mas ela era uma mera mortal, enquanto o chofer era um mágico, um titã, um super-homem! Com o aceno de sua mão, ele fez a máquina obedecer a seu menor comando. Sentar-se ao lado dele era o prazer supremo. Quando entravam em um salão de chá, os meninos exigiam ansiosamente da mãe: "Por que o motorista não entra?""*

Trotsky declara claramente que teria até um carro com um motorista particular ao seu dispor nos Estados Unidos, o que não seria possível pagar já que trabalhava para um jornalzeco russo chamado *Novy Mir* (Novo Mundo) onde escrevia sobre tópicos revolucionários e fazia discursos em Nova Iorque sobre a revolução, que estava próxima de acontecer.

Durante a revolução, existiam vários repórteres, relatores, jornalistas, turistas e agentes em Petrogrado, por exemplo, que estariam a observar tudo acontecendo diante de seus olhos. Esses agentes eram britânicos e americanos, que estavam por toda parte na cidade de Petrogrado, sendo documentada por relatórios que escancarariam a propina que agentes britânicos estariam dando para a insurreição acontecer (25 rublos). Esse financiamento foi fornecido por Milner e canalizado através de Sir George Buchanan, que era o embaixador britânico na Rússia na época.

O czar jamais desconfiaria da Inglaterra visto que esta era sua aliada na guerra contra a Alemanha, mas enganou-se gravemente ao confiar na claque internacional que ficaria instalada em seu país até 1991.

Os agentes americanos da claque internacional se disfarçaram de agentes da Cruz Vermelha, que serviria para lavar o dinheiro vindo de Nova Iorque por parte de JP Morgan, que contribuiu com $10 mil dólares na época, por exemplo. A Cruz Vermelha acabou por não conseguir lidar com todas as demandas durante a Primeira Guerra Mundial e acabou perdendo sua soberania para os banqueiros internacionais que começariam a lavar dinheiro desde 1910 dentro da Rússia durante a revolução.

E então, um homem chamado William Boyce Thompson que teria ido à Rússia como um agente da Cruz Vermelha, teria conseguido através de seus contatos em Wall Street a quantia de 10 milhões de rublos russos, ainda em cima disso, teria dado 2 milhões de rublos russos para Aleksandr

Kerensky para fins de propaganda junto com os bolcheviques, que teriam recebido 1 milhão de rublos para agir em propaganda internacional, principalmente na Alemanha e na Áustria. Todo esse dinheiro teria sido transferido a um banco em Petrogrado.

Com dinheiro para propaganda e um grupo fortemente organizado dentro da Rússia, os bolcheviques, em 1922, declaram o que ficaria conhecido como União Soviética, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, anexadas à Rússia durante a Segunda Guerra por Stalin.

A família Romanov acabou por ser canonizada pela Igreja Ortodoxa Russa e se encontram na condição de santos da mesma. Nicolau II da Rússia, sua esposa Alexandra, e seus cinco filhos Olga, Tatiana, Maria, Anastasia e Alexei foram mártires para a Igreja Ortodoxa e mereceram com honras e graça de Jesus Cristo a canonização.

O assassinato da Família Romanov é considerado um dos crimes mais bárbaros já cometidos, havendo relatos de possíveis estupros coletivos antes de morrerem de fato, incluindo as crianças. E então, você passa a enxergar como são os comunistas quando querem o poder.

OS NOMES DE BOLCHEVIQUES QUE MARCARAM HISTÓRIA DURANTE A UNIÃO SOVIÉTICA

Mikhail Ivanovich Kalinin, um dos cabeças por trás da fundação da URSS, que inclusive recebe homenagem na cidade de Kaliningrado, um exclave russo entre a Polônia e Lituânia, ascendeu ao poder após a morte de

Sverdlov, em Março de 1919, no Comité Executivo Central de Todas as Rússias, anteriormente sendo eleito Presidente da Câmara Municipal de Petrogrado, ficou muito amigo de Stalin quando apoiou este para as eleições que o levariam ao poder. Logo após, viu Stalin liquidar todos os seus opositores e ter controle total da URSS.

Acabou sendo eleito como membro do Politburo do Partido Comunista da União Soviética e, em 1937, após eleições, continuou como presidente do *Presidium* do Soviete Supremo da URSS, cargo em que ficou até Março de 1946. Apoiando ferrenhamente a prática stalinista dentro da URSS.

Estava tudo arquitetado para dar certo, um país fundado com capital estrangeiro estava agora soberano, com seu exército sob a égide de seu presidente (leia-se ditador) e toda sua oposição havia sido liquidada durante o Grande Terror, época em que Stalin desconfiou, muitas vezes sem razão, de seus próprios colegas de partido e executou com mãos de ferro muitos deles, fazendo com que o medo de morrer fosse o mesmo medo de ir contra as práticas stalinistas.

Os números de mortes são assustadores. Stalin executou pelo menos dois terços do quadro de membros do Partido Comunista da União Soviética, 5.000 oficiais de exército acima da patente de Major, 13 de 15 generais cinco estrelas do Exército Vermelho, 98 membros do Partido Comunista da URSS.

De acordo com os arquivos soviéticos durante 1937 e 1938, a polícia secreta da NKVD deteve 1.548.366 pessoas, das quais 681.692 foram executadas uma média de 1.000 execuções por dia (em comparação, os czaristas executaram 3.932 pessoas por crimes políticos de 1825 a 1910, uma média de menos de 1 execução por semana).

Sob o regime de Yezhov, braço direito de Stalin durante o Grande Terror, o número de mortes foram para incríveis 1.300.000 presos, onde mais de 600 mil morreram sob o regime do conhecido como "*anão sanguinário".*

A NKVD, que tinha funções policiais e de segurança interna e externa da URSS, estabeleceu o que ficou conhecido como Gulag, que eram os campos de concentração trabalhistas da União Soviética, uma espécie de prisão a céu aberto para, em sua grande maioria, presos políticos.

Naftaly Frenkel foi um dos "pioneiros" na idéia de criação de Gulags para aprisionar desafetos do governo. Ele começou na região das Ilhas Solovetsky, sendo um dos primeiros campos de concentração da URSS, que ficou sendo controlado por Frenkel.

Frenkel conta com uma origem incerta, não há muita documentação a seu respeito com relação a sua vida pessoa. Não se sabe ao certo nem onde nascera. Alguns chutam Império Otomano, outros dizem Hungria. Também não se sabe muito sobre como saiu da condição de prisioneiro para guarda prisional.

O que se é sabido é que escrevera uma carta com o que havia de errado dentro do Gulag onde estava, escreveu meio que para reclamar das péssimas condições em que viviam naquele local, e então, a carta chamou a atenção do pior crápula de todos os tempos, responsável por 10 milhões de mortes DIRETAS e indiretas, Genrikh Yagoda, que era o líder da CHEKA naquele momento, a polícia secreta da URSS. E então, de alguma maneira, Frenkel teria se encontrado com Stalin em meados de 1920 para discutir idéias e de alguma forma Frenkel chamou atenção por sua disciplina e vontade de trabalhar dentro do campo, o que era raro visto que o cansaço com certeza tomava conta do local e das pessoas que ali viviam.

A reputação de Frenkel também não é muito bem documentada, Aleksandr Solzhenitsyn acredita que ele tenha inventado o sistema “você-come-o-quanto-trabalha”, assumindo que este tipo de sistema teria liquidado rapidamente presos fracos e teria causado uma perda enorme de trabalho dentro dos campos. Mas ele teria sim, de alguma forma, transformado o campo em algo que realmente desse retorno ao Estado, já que agora geria, por si só, um campo de concentração nas Ilhas Solovetsky.

Esses são os números oficiais da NKVD e MGB de presos que passaram por Gulags:

1930	179.000	**1936**	1.296.494	**1942**	1.777.043	**1948**	2.199.535
1931	212.000	**1937**	1.196.369	**1943**	1.484.182	**1949**	2.356.685
1932	268.700	**1938**	1.881.570	**1944**	1.179.819	**1950**	2.561.351
1933	334.300	**1939**	1.672.438	**1945**	1.460.677	**1951**	2.525.146
1934	510.307	**1940**	1.659.992	**1946**	1.703.095	**1952**	2.504.514
1935	965.742	**1941**	1.929.729	**1947**	1.721.543	**1953**	2.468.524

O número só aumentou de 1930 até 1953!

Os Gulags passaram por várias administrações, mas as mais famosas são de Naftaly Frenkel, Matvei Berman e Genrikh Yagoda.

Genrikh Yagoda: o Hitler soviético

Genrikh Yagoda, que nasceu em 7 de novembro de 1891, numa família judaica, Rybinsk, Rússia, durante o Império Russo e cresceu politicamente durante a União Soviética, foi um policial secreto da NKVD que acabou servindo como diretor da instituição entre 1934 e 1936.

Ele foi responsável pela supervisão do julgamento e condenação dos velhos bolcheviques Lev Kamenev e Zinoviev durante o Grande Terror (Grande Expurgo) de Stalin e foi delegado como responsável pelas obras do Canal Mar Branco–Báltico feito por prisioneiros que ficavam sob os olhos de Naftaly Frenkel também.

Yagoda era tão opressor como líder da NKVD que durante sua gestão dentro da instituição, um quarto de um milhão de pessoas foram presas e mandadas direto aos Gulags, que acabaram morrendo.

Mas Yagoda não agiu somente nos campos, acabou interferindo e intermediando a Grande Fome na Ucrânia entre os anos de 1932 e 1933, regime de fome conhecido como Holodomor, que teria liquidado no mínimo 6 milhões de ucranianos.

Então você soma as mortes dos campos, que não foram poucas, com a mortes do Holodomor, que aconteceu com sua arquitetura, e você tem o incrível número de 10 milhões de mortes diretas e indiretas causadas por Yagoda. E isso sequer entra nos livros de história, hein!

Mas é claro que todo algoz não age sozinho, na realidade, Yagoda estava sempre "muito bem" acompanhado, considerando que trabalhou com pessoas como Vasili Mikhailovich Blokhin, conhecido por ter matado mais de 5.000 policiais poloneses de uma vez só durante um fuzilamento sumário que ficou conhecido como Massacre de Katyn, que aconteceu na Polônia, liquidando no mínimo 25.000 poloneses inocentes durante a invasão soviética à Polônia, pelas mãos de pessoas como Yagoda e Blokhin.

Blokhin agiu como "carrasco" na NKVD e era conhecido pelas suas matanças que não paravam, pelo contrário, só aumentavam, no início, por exemplo, tinha a ambição de matar 300 prisioneiros por noite usando uma pistola alemã Walther Model 2 .25 ACP travestindo boné, avental de açougueiro e luvas, executava friamente os prisioneiros.

Mas, por fim, agora que você conhece um pouco da história de Genrikh Yagoda e as pessoas que trabalhavam com ele, você consegue ter uma noção da carnificina que era a União Soviética dominada pelos Bolcheviques. Considere que grande parte desses Bolcheviques que governaram e fizeram parte diretamente e indiretamente da história da União Soviética já estavam exilados devido a crimes que cometeram

durante o regime do Czar, ou seja, criminosos voltaram à Rússia e tomaram o poder para si... Boa coisa não poderia acontecer.

Aqui vai uma lista de Massacres feitos pela NKVD de Yagoda e sua corja (não que sejam todos intimamente ligados à administração de Yagoda, mas este não teria feito diferente de seus colegas que o sucederam):

- Massacre de Chervyen (Bielorrúsia): Entre 24 e 27 de Junho de 1941, durante uma evacuação num presídio em Minsk, foram mortas pelo menos 1.000 pessoas civis.
- Massacre de Hlybokaye (Bielorrúsia): Em 24 de Junho de a NKVD matou pelo menos 800 pessoas, que em sua grande maioria, vinham da Polônia e estavam presas no presídio gestado pela NKVD perto de Vitebsk.
- Massacre de Hrodna (Bielorrúsia): Em 22 de Junho de 1941, com a intenção fracassada de mataram 1.700 prisioneiros, a NKVD não conseguiu realizar fielmente seu objetivo devido ao avanço alemão em terras do Leste, o que não significou que não tenha ocorrido um verdadeiro massacre no presídio local.
- Massacre de Vileyka (Bielorrúsia): Em 24 de Junho de 1941, vários prisioneiros que se encontravam doentes ou feridos, foram executados brutalmente pela NKVD.
- Massacre de Tartu (Estônia): Em 9 de Julho de 1941, a NKVD decide matar quase 200 prisioneiros, que tiveram seus corpos jogados em túmulos improvisados dentro da prisão local.
- Massacre de Vilnius (Lituânia): Após a invasão alemã, a URSS decidiu por matar grande parte dos prisioneiros que estavam na presidiária local.
- Massacre de Rainiai (Lituânia): 79 prisioneiros políticos foram fuzilados pela NKVD na prisão local.

- Massacre de Pravieniškės (Lituânia): A NKVD decide fuzilar 260 prisioneiros políticos e grande parte da administração do presídio local.
- Massacre de Berezhany (Ucrânia): Entre 22 de Junho e 1 de Julho, a NKVD decidiu matar 300 prisioneiros poloneses que estavam na prisão local, junto com alguns ucranianos, que também foram mortos.
- Massacre de Donetsk (Ucrânia): A NKVD fuzilou sumariamente, no Campo Rutchenkovo, civis. Infelizmente não há informação consistente sobre números de mortos.
- Massacre de Dubno (Ucrânia): Todos os prisioneiros da presidiária local, sob o comando da NKVD, foram sumariamente fuzilados, incluindo crianças e mulheres.
- Massacre de Ivano-Frankvisk (Ucrânia): Pelo menos 500 prisioneiros poloneses (incluindo 150 mulheres com algumas crianças) foram agressivamente fuzilados pela NKVD e tiveram seus corpos enterrados de forma improvisada em Dem'ianiv Laz.
- Massacre de Kharkiv (Ucrânia): Um presídio da NKVD localizado na Ucrânia na cidade de Kharkiv, foi incendiado pelos oficiais da NKVD e 1.200 pessoas morreram queimadas vivas. O ator e diretor russo Ivan Yukhimenko também morreu neste incidente.
- Massacre de Lutsk (Ucrânia): Depois da invasão alemã e do bombardeamento da prisão local da NKVD, os oficiais desta, tentaram negociar com os prisioneiros uma espécie de anistia se esses não fugissem. Bem, os prisioneiros ficaram de frente para um tanque de guerra soviético bem alinhados e lhes foi dito *"Os que ainda estão vivos, levantem!"* E então, os que estavam vivos, enterraram de forma improvisada os mortos e acabaram por serem

mortos também. 370 civis foram brutalmente assassinados pela NKVD.

- Massacre de Lviv (Ucrânia): Pelo menos 4.000 pessoas foram mortas pela NKVD, incluindo crianças, adolescentes e mulheres, durante os meses de Junho e Julho de 1941.
- Massacre de Sambir (Ucrânia): 570 pessoas mortas pela NKVD.
- Massacre de Simferopol (Ucrânia): A NKVD, num ato covarde, atira nos prisioneiros perto do prédio desta e na prisão local da cidade.
- Massacre de Yalta (Ucrânia): NKVD fuzila sumariamente prisioneiros.
- Massacre de Oryol (Rússia): Acontecendo em Setembro de 1941, a NKVD decidiu fuzilar brutalmente pelo menos 150 prisioneiros políticos (dentre eles Christian Rakovsky, Maria Spiridonova, Olga Kameneva e Dmitri Pletnyov) na Floresta de Medvedevsky.

Esses são os dados finais segundo a União Soviética sobre as prisões ucranianas comandadas pela NKVD:

- Evacuadas: 45,569.
- Mortas dentro das prisões: 8,789.
- Fugitivos mortos: 48.
- Mortos “legalmente”: 123.

- Mortos “ilegalmente”: 55.
- Vivos: 3,536.

Sabemos que por se tratarem de dados oficiais vindos de governos criminosos, há muita maquiagem e realmente se esconde a verdade dos fatos com números, mas a verdade é uma só e gritante: a NKVD executou sumariamente civis completamente inocentes e não foi feito nada para repreender esses atos contra a vida humana que são considerados pela comunidade internacional como “crimes de guerra soviéticos”.

Não existiu, por exemplo, um Tribunal de Nuremberg aos soviéticos, que também mataram e muito junto com os nazistas.

Yagoda morreu em 15 de Março de 1938, como outros 3.000 membros da Polícia Secreta Soviética, num fuzilamento sumário durante o Grande Expurgo.

Suas últimas palavras para Alexander Orlov, durante a sua estadia na Prisão de Lubianka, na Rússia foram: *"De Stalin só mereço gratidão pela minha lealdade, de Deus mereço o mais severo castigo por ter violado milhares de vezes os seus mandamentos. Agora repare onde me encontro e veja se existe ou não um Deus…"*

Massacre de Katyn: a atrocidade de Lavrentiy Beria

Acontecendo entre Abril de 1940 e Maio de 1940 na Polônia, o Massacre da Floresta de Katyn foi um fuzilamento sumário feito pela NKVD, que teria acusado os cidadãos, prisioneiros oficiais e policiais poloneses de subversão e espionagem, algo inaceitável para a União Soviética.

O massacre aconteceu logo assim que a Alemanha Nazista se rendeu durante a Segunda Guerra e teve o aval de Stalin para ocorrer, com Lavrentiy Beria fazendo o intermédio e o pedido do fuzilamento, já que as vítimas estavam sendo acusadas de serem latifundiários, espiões, sabotadores, e alguns intelectuais da elite polonesa (algo parecido aconteceu na URSS). Cerca de 8 mil pessoas nas prisões de Kalinin e Kharkov eram prisioneiros de guerra, e outros 6 mil eram policiais.

As valas onde ficaram os corpos acabaram sendo descobertas por oficiais nazistas que trataram logo de pedirem investigação e uma espécie de perícia de especialistas forenses vindos da Bélgica, Bulgária, Dinamarca, Itália, Suécia, Suíça, Finlândia, Croácia, Ro mênia, Hungria, França, Eslováquia e Países Baixos.

Em 13 de abril de 1943 a Rádio Berlim transmitiu que forças alemães haviam descoberto na floresta de Katyn, perto de Smolensk, *"... uma vala com 28 metros de comprimento por dezesseis de largura, dentro da qual estavam enterrados e empilhados em doze camadas o corpo de 3 mil oficiais poloneses..."*.

Dmitry Khudykh, morador de Katyn na época, disse: *"O mau cheiro era horrível. Quando nós chegamos os alemães estavam removendo uma camada de terra de um metro de espessura. E nela havia corpos e casacos, dispostos em fileiras. Eles estavam mexendo nos corpos, verificando os bolsos, retirando relógios e montando uma espécie de museu com aquilo fora das covas. Os alemães queriam testemunhas. Eles nos queriam como testemunhas para a história."*

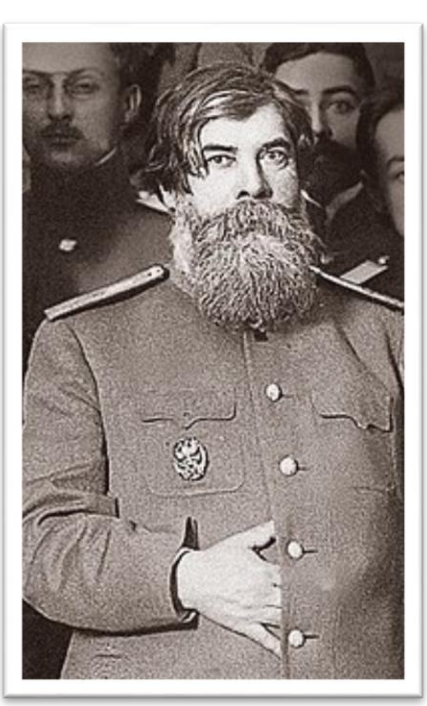
Tudo teria sido estritamente comandado, arquitetado e planejado por Beria, um antigo bolchevique que ganhara a confiança e o respeito de Stalin na época, chegando a trabalhar como chefe da NKVD na Geórgia e principal executor do Grande Expurgo feito por Stalin, onde este eliminou seus inimigos de dentro do partido e grande parte da elite intelectual russa da época.

Beria era tão perigoso e causava tanto medo nas pessoas, que alguns historiadores acabam por deduzir que Beria teria envenenado Stalin, por ele ser dono de um laboratório que produzia venenos contra opositores do regime soviético. Acredita-se que Beria teria agido desta forma por vontade de suceder Stalin na União Soviética.

É óbvio que cabe muito mais detalhe neste fato, como em todos também, mas acontece que o importante deste documento é te introduzir à pesquisa. Fazer você ter a capacidade de por conta

própria pesquisar e começar a descobrir as coisas por si só, e que aqui, seja o seu start para isso.

Wladimir Bechterew e Andrei Snezhnevsky: os doutores soviéticos



(Wladimir)

(Andrei)

Não se tem muita coisa documentada sobre Bechterew, mas sabe-se que nasceu em Sorali, em 1 de Fevereiro de 1857, e que era um neurologista e psicólogo de renome na União Soviética que chegou a atender Stalin, onde acabou por diagnosticar o ditador com uma "grave paranóia". Obviamente a notícia não foi bem recebida e Wladimir acabou por ser envenenado e morto, em 1927, em Moscou, na Rússia.

É muito comum que os ditadores em geral não aceitem suas megalomanias ou sintomas de doenças psiquiátricas, ainda que diagnosticadas por um especialista.

Com Andrei, que nasceu em 7 de maio de 1904, em Costroma, na Rússia, aconteceu o contrário na realidade, ele não diagnosticava “de verdade” (assumindo que Stalin era realmente louco e megalomaníaco como propusera Bechterew), ele fazia falsos diagnósticos sobre pessoas lúcidas que estavam contra o governo soviético.

Funcionava assim: se você era contra o governo soviético, era, no mínimo, para ele, esquizofrênico, e recebia esse diagnóstico tendo inclusive que receber tratamento para tal.

Andrei foi um acadêmico da Academia de Ciências Médicas da URSS, diretor do Instituto Serbsky de Psiquiatria Forense (1950-1951), diretor do Instituto de Psiquiatria da Academia de Medicina da URSS Sciences (1962-1987), e diretor do Centro de Pesquisa de Saúde Mental de Toda a União da Academia de Ciências Médicas da URSS (1982-1987). Então era óbvio que seu diagnóstico tinha um “peso maior”.

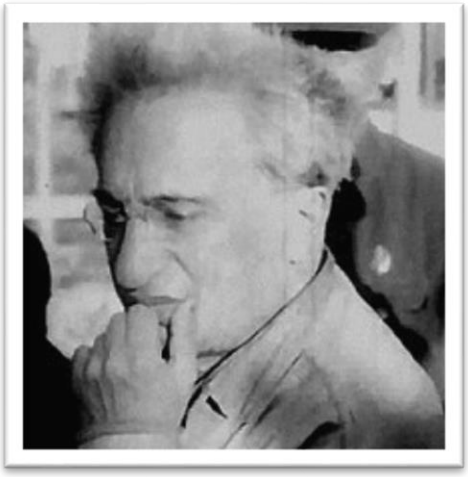
Snezhnevsky foi um canalha, ele simplesmente obrigou toda a comunidade psiquiátrica da União Soviética e da Europa do Leste a adotar a “esquizofrenia lenta” como dogma de diagnóstico, principalmente para dissidentes, o que fazia com que pessoas que estavam sem problema algum acabassem por começar um tratamento sem necessidade para algo que não existia nelas. É óbvio que o Ocidente não aceitou esse tipo de coisa e o recriminou muito, principalmente porque era notório que os diagnósticos de Andrei tinham bases políticas, tendo diagnosticado inclusive os dissidentes Vladimir Bukovsky, Natalya Gorbanevskaya, Leonid Plyushch, Mikola Plakhotnyuk, Pyotr Grigorenko.

Com apoio da KGB, milhares de reformadores sociais e políticos - "dissidentes" soviéticos - foram encarcerados em hospitais psiquiátricos depois de serem “diagnosticados” com "esquizofrenia lenta", uma doença fabricada por Snezhnevsky e "escola de Moscou" de psiquiatria.

Algo criminoso de se fazer com quem simplesmente não concorda com o governo em que se está vivendo, mas assim agem os comunistas, não aceitam que existam pessoas que discordem deles, apenas os eliminam, seja de uma forma, ou de outra.

Andrei acabou morrendo em 12 de julho de 1987, Moscou, Rússia, felizmente.

Aaron Soltz: a “consciência do partido”



Soltz, nascido em 10 de março de 1872, numa família judaica, Salcininkai, na Lituânia, ficou conhecido como a “consciência do partido comunista soviético” por ter sido peça fundamental nas revoluções que antecederam a União Soviética e nas que consolidaram tal também.

Foi um bolchevique que, por incrível que pareça, acabou por se opor ao Grande Expurgo, fazendo com que fizesse parte de um seleto grupo de pessoas que não eram tão leais assim a Stalin.

Soltz teve algum cargos dentro do governo soviético sendo o último de procurador do Estado soviético, onde em 1937 fez um discurso pedindo explicações sobre o Grande Expurgo, inclusive questionando a legalidade de tal evento.

Aaroz acabou morrendo numa clínica psiquiátrica em Moscou, na Rússia, depois de uma greve de fome que acabou o levando à loucura, em Abril de 1945, depois de 7 anos de tratamento forçado psiquiátrico.

Adolph Abramovich Joffe: o financiador

Joffe foi um bolchevique, que nasceu em uma família judaica, em Simferopol (região onde hoje corresponde à Crimeia, na Ucrânia), em 22 de Outubro de 1883, que ajudou a financiar o principal jornal dentro da União Soviética, o “Pravda”, após se desvencilhar dos Mencheviques.

Durante o seu processo revolucionário adotou a alcunha de “V. Krymsky” (era muito comum os bolcheviques adotarem pseudônimos para passaportes falsos ou coisas do tipo que não entregassem sua verdadeira identidade).

Abramovich se tornou um membro do Partido Social-Democrata em 1903, e em 1904 foi enviado a Baku, capital do Azerbaijão para evitar uma possível prisão. Mas acabou sendo enviado para Moscou novamente e teve que se exilar, dessa vez no exterior, para evitar uma prisão (que naquela época significava a morte, no mínimo).

E então, depois da Revolução de Outubro, de 1905, Joffe retorna à Moscou, na Rússia, onde participa ativamente do feito, mas acabou emigrando novamente para o exterior, dessa vez, em Berlim, na Alemanha, onde acabou sendo expulso, em 1906. E por estar perto da facção menchevique, acabou tendo que se mudar para Viena, na Áustria, depois da expulsão da cidade alemã.

Acontece que numa visita à Odessa, também na Ucrânia, acabou preso por 10 meses e depois exilado na Sibéria.

Joffe morreu em 16 de Novembro de 1927 em Moscou, na Rússia.

Grigori Voitinsky: o chinês soviético

Tendo nascido Grigori Naumovich Voitinsky, numa família judaica, em Nevel, Rússia , em 17 de Abril de 1883, foi um bolchevique e principal articulador entre a União Soviética e China, ajudando inclusive a criar o Partido Comunista Chinês com Chen Duxiu, que era o líder comunista em Shangai em 1920, fazendo com que a União Soviética ajudasse financeiramente a China, que estava prestes a conhecer o socialismo de perto.

Voitinsky, Chen Duxiu, Li Hanjun, Shen Xuanlu, Yu Xiusong, Shi Cuntong e alguns outros, foram os principais responsáveis pelo Comintern (Internacional Comunista) Chinês.

Grigori é considerado um pioneiro da chamada “Sinologia Soviética”, tendo escrito alguns livros sobre a política chinesa da época.

Em 11 de Junho de 1953 acabou morrendo numa cirurgia mal feita em Moscou.

Vladimir Aleksandrovitch Antonov-Ovseenko: o assaltante

Foi um bolchevique nascido em Tchernigov, na Ucrânia, em 9 de Março de 1883, que se destacou por ter arquitetado o assalto ao Palácio de Inverno, que culminaria na vitória da Revolução de Outubro dos bolcheviques.

Vladimir acabou ingressando na carreira militar muito jovem e por isso se destacou durante as insurreições que aconteciam antes dos bolcheviques vencerem de fato na Rússia. Chegou a ser eleito para comandar o Exército Vermelho no sul da União Soviética contra os cossacos e contra as forças nacionalistas da Ucrânia.

Durante o assalto ao Palácio de Inverno, acabou por dirigir a guarda vermelha, os soldados e marinha, que levariam ao fim do Governo Provisório Russo.

Vladimir não era tão fã de Stalin, e chegou a se aliar com Lev Trotski tendo alguns cargos altos em governos de países satélites à Rússia.

Naquele momento, para ele, a concentração de poder de Stalin era sem sentido.

Em 1928, devido algumas pressões acabou por renunciar da frente de oposição ao governo stalinista e após essa, ganhou o cargo de Promotor Chefe da União Soviética em 1934 e em 1937 virou Comissário Popular de Justiça. Durante a transição de cargos, virou também Cônsul soviético em Barcelona, na Espanha, onde defendeu o governo de Stalin dos anarquistas e trotskistas que controlavam o movimento antifascista dentro da Espanha.

Foi preso na Espanha pela NKVD durante o Grande Expurgo em 1937 tendo sido acusado de estar aliado aos trotskistas e de espionagem. Acabou sendo fuzilado em 1939, em Moscou.

Gleb Ivanovich Bokii: o revolucionário nem tão revolucionário assim

Tendo nascido numa família judaica, na mesma cidade em que Stalin, Tbilisi, na Geórgia, em 1879, foi um bolchevique que teve grande destaque depois da Revolução de Outubro de 1917, onde acabou se tornando um dos principais membros da Tcheka, a polícia secreta soviética.

Sendo um dos principais arquitetos e comandantes dos campos de concentração trabalhistas da União Soviética, onde centenas de milhares de pessoas morreram exiladas na Sibéria e em outras áreas frias (onde geralmente eram localizados os campos), era conhecido por se opor às regalias que integrantes do Partido Comunista Soviética reservavam para si.

Ele se tornou um adepto ao marxismo e se uniu a Gueorgui Plekhanov, onde participou da União de Luta pela Emancipação da Classe Operária em 1897. Em 1900 acabou se juntando ao Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) e trabalhou como propagandista de tal, consolidando-se como revolucionário profissional.

Bokii acabou preso uma dúzia de vezes e foi exilado duas vezes na Sibéria, acabou usando os nomes de "Kuzma", "Diadia," e "Maksim Ivanovich" no período de clandestinidade do Partido Bolchevique.

Em 1923 foi condecorado com a Ordem do Estandarte Vermelho, reconhecido pelo seu trabalho em favor da União Soviética, principalmente

com relação aos campos de concentração que ajudou a administrar, minando vidas inocentes.

Em 16 de maio de 1937, Gleb acabou preso por atividade conspirativa contra o governo soviético, e em 15 de Novembro de 1937, após algum tempo de investigações, concluiu-se que o destino de Bokii era o mesmo de qualquer pessoa que fosse preso pela polícia secreta à época: a morte. Acabou sendo fuzilado no mesmo dia.

E em 27 de junho de 1956, no governo de Nikita Khrushchev acabou sendo reabilitado postumamente fazendo com que sua família recebesse os auxílios sociais do governo soviético na época, já que estes teriam sido negados anteriormente.

Lazar Moiseyevich Kaganovich: o lobo do Kremlin

Nascido em Kiev, numa família judaica, na Ucrânia, em 22 de Novembro de 1893, foi o político bolchevique mais próximo de Stalin durante a União Soviética, ao lado de Lavrentiy Beria. Era conhecido por ser o “lobo do Kremlin”, capaz de tudo para ver a Stalin e a União Soviética fortes, foi o principal responsável pelo Holodomor, o regime de fome na Ucrânia onde 6 milhões de pessoas (números por baixo) morreram depois de terem suas sementes e grãos confiscados pela NKVD.

Entre 1934 e 1939 foi o principal arquiteto do Grande Expurgo, onde um sumário número de pessoas de dentro do Partido Comunista ou que eram vistas como uma ameaça à URSS foram mortas num surto megalomaníaco

de Stalin, que imaginava estar sendo traído e perseguido por pessoas próximas a si.

Junto com Lavrentiy Beria (possível nome pós Stalin a assumir a União Soviética) e Stalin, foi o principal responsável pelo Massacre de Katyn, onde 25 mil polonseses foram mortos pelas forças da NKVD, a polícia secreta soviética dentro da Floresta de Katyn, na Polônia.

Foi inclusive responsável pelo transporte bélico e industrial para as áreas do Leste durante a Invasão Alemã.

Lazar morreu, com confiança de pessoas do Partido e inclusive tendo subido na hierarquia durante o governo do então Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética, Nikita Khrushchov.

E em 1991, poucos meses antes do fim do pior desastre do Leste Europeu, Kaganovitch morreria.

Esses foram alguns prêmios que foram dados a Lazar Kaganovitch pelos seus “feitos” pela União Soviética: *Ordem de Lenin, Herói do Trabalho Socialista, Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho, Medalha "Foice e Martelo", Ordem de Lenin, Ordem de Lenin, Ordem de Lenin, Medalha de "Mérito de Trabalho da Grande Guerra Patriótica 1941-1945".*

Uma pequena passagem sobre Holodomor e como o Ocidente e o Leste Europeu brigaram pela sua veracidade e negacionismo...

Infelizmente por estarmos na era da pós verdade, onde as emoções e crenças pessoais acabam por falar mais alto que a objetividade e até mesmo passando por cima dos próprios fatos, onde a maioria dos jornalistas não se vê mais no papel de informar, mas de opinar o tempo todo, na realidade. E algo que não surpreende é o coro gritante e quase telepático que estes carregam em seu meio quando, fazendo uma análise sóbria do que se é considerado por estes, acabam por ter as mesmas opiniões. É muito difícil hoje em dia ver um jornalista que vá “contra a maré” e geralmente os que fazem isso ou são independentes ou viram de perto toda a pataquada que se retroalimenta dia após dia.

Não se vê mais hoje em dia jornalistas com o pensamento de apenas informar o leitor, como foi o caso de Gareth Jones, por exemplo, um galês que pela primeira vez trouxe ao mundo ocidental o fatídico e trágico

Holodomor à tona em meados dos anos 30, época em que ainda se fazia difícil fazer a informação chegar ao leitor. Mas veja o que Gareth fez...

Em 1931, Gareth ganhou uma oferta de emprego em Nova Iorque para realizar uma pesquisa de um livro que iria ser feito sobre a União Soviética. E então, não hesitante em aceitar, embarcou para a União Soviética no verão de 1931 com Henry John Heinz II, um importante empresário no ramo de alimentos à época, onde Henry, faria um diário chamado "*Experiências na Rússia"* contando como teria sido a viagem dos dois ao território de Stalin, e no diário, o uso da palavra "fome" passou a existir sempre se referindo aos meios de coletivização da agricultura soviética.

Em 1932, Jones volta de sua viagem e começa a trabalhar com Lloyd George, ajudando-o a escrever as Memórias de Guerra do primeiro-ministro.

Até aqui você está acompanhando a viagem de um jornalista galês com seu amigo ao território soviético e a volta dele por causa de um livro que seria escrito sobre a União Soviética, como uma pesquisa de campo para um TCC, você precisa falar com autoridade sobre o assunto, pelo menos.

Bem, Gareth era repórter do jornal galês *Western Mail* e em meados de Janeiro e Fevereiro de 1933, Jones, como todo jornalista que se presta a fazer um papel decente em seu meio, doido para um "furo", estava cobrindo a ascensão de ninguém menos que Adolf Hitler, o chefe de Estado da Alemanha Nacional-Socialista que tinha acabado de ser nomeado Chanceler por meio de toda aquela história que você já sabe.

Jones foi o primeiro jornalista estrangeiro a voar num avião alemão Richtofen, o mais potente avião da época com três motores, junto com Adolf Hitler e Joseph Goebbels, onde registrara todo clamor do público e certa curiosidade efêmera que os alemães estavam tendo naquele momento com o anúncio do novo Chanceler.

É nessas horas que Gareth escreve o que todo mundo pensou alguns anos depois: se o Richtofen tivesse caído, a história da Europa teria sido diferente.

Pois bem, neste momento estamos em Fevereiro de 1933 e Gareth já tinha ido à União Soviética, já tinha coberto a ascensão de Hitler, mas o livro sobre a URSS ainda não tinha sido escrito e precisava de mais "pesquisa de

campo”. No mês seguinte, Março de 1933, Gareth embarca à União Soviética mais uma vez, mas dessa vez iludindo as autoridades sobre seu real objetivo no território bolchevique, Jones regressa à Ucrânia, onde presenciou algo que iria chocar o mundo poucos meses depois.

Em 29 de Março de 1933, Gareth, já em Berlim, publica no New York Evening Post e The Manchester Guardian:

“Eu caminhei por aldeias e doze fazendas coletivas. Em todo lugar estava o grito: 'Não há pão. Nós estamos morrendo'. Esse grito vinha de todas as partes da Rússia, do Volga, da Sibéria, da Rússia Branca, do Cáucaso do Norte e da Ásia Central. Percorri a região da terra negra porque essa já foi a terra mais rica da Rússia e porque os correspondentes foram proibidos de ir até lá para ver por si mesmos o que está acontecendo.

No trem, um comunista me negou que houvesse uma fome. Eu joguei uma crosta de pão que eu estava comendo do meu próprio estoque em uma escarradeira. Um camponês-passageiro pescou e vorazmente comeu. Joguei uma casca de laranja na escarradeira e o camponês a agarrou de novo e devorou-a. O comunista diminuiu. Eu passei a noite em uma aldeia onde costumava haver duzentos bois e onde agora há seis. Os camponeses estavam comendo a forragem de gado e tinham apenas um mês de estoque restante. Eles me disseram que muitos já haviam morrido de fome. Dois soldados vieram prender um ladrão. Eles me alertaram contra viagens à noite, já que havia muitos homens desesperados 'famintos'.” (in verbis).

O que você acaba de ler é o relato do que ficou conhecido mundialmente como Holodomor, o regime de fome na Ucrânia imposto por Lazar Kaganovich, braço-direito de Stalin, e pelo próprio Stalin, numa tentativa de “reorganizar a agricultura soviética”, os bolcheviques em questão acabam matando 6 milhões de pessoas (números não-oficiais podendo variar PARA MAIS).

Foi o primeiro jornalista a trazer o tema à tona com essa riqueza toda de detalhes.

E é óbvio que a matéria não foi bem vinda, principalmente porquê ainda haviam muitos simpatizantes da União Soviética contemporâneos a Gareth, fazendo com que o conhecido negacionista do Holodomor, Walter Duranty, fizesse um artigo entitulado “RUSSOS COM FOME, MAS NÃO

ESFOMEADOS” (numa tradução livre de RUSSIANS HUNGRY BUT NO STARVING) no The New York Times, numa tentativa de acalmar os ânimos e colocar para debaixo do tapete um fato tão trágico como esse. O artigo de Duranty veio a ser publicado em 31 de Março de 1933, apenas dois dias depois da matéria de Gareth Jones ser publicada nos jornais já citados, ou seja, o desespero de defender o indefensável falou mais alto para Walter.

No artigo de Duranty, o Kremlin negou todas as acusações dizendo que todos os observadores estrangeiros não puderam notar fracasso nenhum no regime soviético.

Em 13 de Maio, Gareth volta a publicar um outro artigo refutando o que Walter Duranty teria escrito no próprio The New York Times, ou seja, você tinha dois jornalistas, um não trabalhando para o jornal em questão, brigando publicamente por meio de artigos.

Gareth publicou no The New York Times:

“Minha primeira evidência foi recolhida de observadores estrangeiros. Desde que Duranty introduz os cônsules na discussão, algo que eu não quero fazer, pois eles são representantes oficiais de seus países e não devem ser citados, posso dizer que discuti a situação russa com entre vinte e trinta cônsules e representantes diplomáticos. de várias nações e que a sua evidência apoiou o meu ponto de vista. Mas eles não estão autorizados a expressar suas opiniões na imprensa e, portanto, permanecem em silêncio.
Os jornalistas, por outro lado, têm permissão para escrever, mas a censura transformou-os em mestres de eufemismo e subavaliação. Assim, eles dão "fome" o nome educado de "escassez de alimentos" e "morrer de fome" é suavizado para baixo para ler como "a mortalidade generalizada de doenças devido à desnutrição". Os cônsules não são tão reticentes em conversas particulares.” (in verbis).

Um tapa na cara de Duranty!

Resultado: Jones acabou sendo banido da União Soviética. Não era para menos, não é?
E essa é apenas uma história de como a tentativa de desqualificar fatos tão importantes e que merecem a devida atenção já eram feitos durante a Segunda Guerra por jornalistas de diferentes países e jornais.

Pavel Sudoplatov: o bombardeador

Tendo nascido Pavel Anatolyevich Sudoplatov, em Melitopol (atual Ucrânia) durante o Império Russo, em 7 de Julho de 1907, se destacou por ser um espião soviético que teria participado ativamente da morte do Leon Trotsky e teria coletado informações do Projeto Manhattan, que seria o primeiro planejamento da primeira bomba nuclear durante a Segunda Guerra Mundial, que teria sido dirigido por Robert Oppenheimer, um membro da família de proeminentes banqueiros internacionais Oppenheimer, tendo usado o codinome Viktor para tais operações.

Acabou escrevendo um livro chamado “Special Tasks”, que teria tornado-o conhecido na União Soviética pelas suas táticas de espionagem e coletagem de informações secretas.

Nos anos que precederam ao sucesso da União Soviética, chegou a combater o Exército Branco, que era o exército nacionalista da Rússia que estaria se opondo aos bolcheviques, estes que eram pró czaristas, se viram derrotados em 1917.

Em Maio de 1938, em mais uma de suas missões, Pavel foi responsável pela morte de Yevhen Konovalets, um líder ucraniano nacionalista que estava se opondo às forças bolcheviques. A morte de Yevhen foi simplesmente uma caixa de chocolates com uma bomba dentro.

Pavel se “defendeu” dizendo que a ordem de matar Konovalets teria vindo direto de Stalin, que teria lhe dito: *“Este não é apenas um ato de vingança, embora Konovalets seja um "agente"do fascismo alemão. Nosso objetivo é decapitar o movimento do" fascismo "ucraniano na véspera da guerra e forçar esses" gângsteres "a se aniquilarem mutuamente. uma luta pelo poder ".*

A frieza de Pavel Sudoplatov era tão grande, que ao entregar a caixa de chocolates com bombas para o então líder nacionalista da Ucrânia, simplesmente andou devagar para longe do local e esperou calmamente a bomba explodir, já sabendo dos efeitos colaterais que tal poderia causar. E então, pegou um trem para Paris, onde mais tarde, por intermédio da NKVD, teria sido “convocado” para combater as forças nacionalistas de Francisco Franco, na Espanha.

Sudoplatov se destacou em vários meios soviéticos de força brutal, dentre eles a MGB e a própria MVD, onde entre 1938 e 1953 se destacou pela morte de Trotsky, pelas táticas de sabotagem aos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, uma oferta de paz feita um embaixador de Hitler, onde ele teria perguntado ao embaixador se Hitler não poderia desistir da invasão à Rússia se eles lhe dessem um pedaço grande do território russo, mas, como todo bom espião que se preze, presume-se que teria blefado com o embaixador para ganhar tempo.

Em Fevereiro de 1944, se destacou também operação que poderia fazer com que a primeira bomba atômica soviética fosse produzida, já que os Estados Unidos estavam produzindo a sua própria bomba. Há a alegação de que junto com os 4 cientistas e com o sistema de inteligência soviético da época ele teria ajudado a coletar informações preciosas que ajudariam no planejamento da bomba soviética. Mas era sabido na época que o acesso de Sudoplatov ao arsenal atômico e aos próprios agentes que poderiam ajudá-lo na empreitada era limitado, então cogita-se que tudo não passara de um blefe.

O FBI, sabendo disso, em 1991, foi obrigado a vir a público declarar que: *“... não está na posse de qualquer evidência credível que sugira que Neils (sic) Bohr, Enrico Fermi, Robert Oppenheimer ou Leo Szilard tenham se envolvido em qualquer atividade de espionagem em nome de qualquer poder estrangeiro ..., o F.B.I. classificou informações disponíveis que argumentam contra as conclusões do autor de 'Tarefas Especiais'. O F.B.I, portanto, considera tais alegações infundadas.”*

Já que havia a suspeita dos próprios cientistas junto com os agentes soviéticos estarem conspirando e espalhando as informações secretas do Projeto Manhattan.

No verão de 1946, Sudoplatov foi retirado dos cargos em que exercia à época e foi demandado a ser um agente do que viria a ser chamado de MGB (várias agências de inteligência da União Soviética mudam de nome justamente para dar a entender que os atos de espionagem e/ou qualquer outra coisa do tipo teriam terminado suas atividades), e em 1949 foi responsável pelo trabalho temporário de cuidar das forças ucranianas de libertação do movimento bolchevique que ainda teriam forças herdadas da Segunda Guerra.

Nesse meio tempo, Pavel era responsável por sabotar as engrenagens de países ocidentais durante a guerra.

E então, na primavera de 1953, já na MVD, perto da morte de Stalin, também foi responsável pela sabotagem de países que faziam parte da Organização do Tratado do Atlântico-Norte, a OTAN, já que esta havia atacado a União Soviética.

Já com a queda de Lavrentiy Beria, que viria a ser o sucessor de Stalin, Pavel foi preso e acabou fingindo loucura para escapar do fuzilamento (que já era uma pena quase certa para os "traidores" da época), tendo sido acusado de estar em parceria com Grigory Mairanovsky, um cientista judeu russo que estaria desnvolendo um programa de envenenamento para desafetos do governo soviético, onde era responsável por experimentos em seres humanos, estes muitas vezes presos políticos (algo que não é falado muito mas a União Soviética também foi responsável pelo experimento em seres humanos, considerado um crime contra a humanidade).

Durante seu julgamento foi considerado: "*Conforme estabelecido [durante o julgamento], Beria e seus cúmplices cometeram crimes terríveis contra a humanidade: eles testaram venenos mortais, que causaram morte agonizante, em seres humanos vivos. Um laboratório especial, que foi criado para experimentos sobre a ação de venenos em seres humanos vivos, trabalhou sob a supervisão de Sudoplatov e seu vice Eitingon de 1942 a 1946. Eles exigiram que ele lhes fornecesse apenas venenos que haviam sido testados em seres humanos...* "

Pavel foi sentenciado em 15 anos de prisão, onde após cumprir toda sentença foi liberado, em Agosto de 1968.

Acabou morrendo em 26 de Setembro de 1996, em Moscou, onde foi enterrado ao lado de sua esposa.

Esses foram algumas condecorações que Pavel ganhou durante seu exercício como agente da União Soviética:

- Ordem de Lenin
- Três ordens da bandeira vermelha
- Ordem de Suvorov 2ª classe
- Ordem da Guerra Patriótica 1ª classe
- Duas ordens da estrela vermelha
- Medalha "Pela Defesa de Moscou"
- Medalha "Pela vitória sobre a Alemanha na Grande Guerra Patriótica 1941-1945"
- Medalha "Pela vitória sobre o Japão"
- Medalha "Partidária da Guerra Patriótica" 1ª classe
- Medalha "Pela Defesa do Cáucaso"
- Medalha do Jubileu "30 Anos do Exército e da Marinha Soviética"
- Medalha "Em Comemoração do 800º Aniversário de Moscou"

Grigory Petrovich Nikulin: o assassino

Nascido em 10 de Janeiro de 1985, foi um dos bolcheviques responsáveis pela execução da Família Romanov e ficou conhecido por esse feito, na noite de 16 de Julho de 1918.

Em Janeiro de 1915 se juntou aos bolcheviques mas não era apto a servir regularmente o exército devido a sua doença congênita, apenas em tempos de guerra ficava “ativo”.
Em 1916 se mudou para Ecaterimburgo onde ajudou na construção de um terreno para dinamites (que seriam usadas posteriormente em tempos de Guerra Civil).

Tendo feito parte do Partido Social-Democrata na então Rússia, acabou por seguir os passos de Lenin e ingressou no Partido Comunista da União Soviética. Sua numeração era 128185.

Teve problemas com dinheiro devido a falta dele por meio de uma sociedade anônima da França que teria deixado de lhe repassar recursos (repare que a maioria dos eventos da União Soviética envolveram bastante dinheiro dos capitalistas).

Acabou conhecendo o dirigente do Comitê dos Urais, Goloschekin, e se juntou à Cheka, a polícia secreta soviética, e então, por intermédio de várias pessoas, acabou conhecendo Yakov Yurosvsky, onde este o chamava de “filho”, por notar que a boa convivência que Nikulin era capaz de desenvolver com os demais.

Acabou virando Assistente do Comandante da Casa de Propósito Específico por recomendação de Yurovsky, onde Yurovsky mesmo era o chefe.

Foi responsável não só pela morte do Tsar e sua família mas antes dessa, foi o arquieteto da morte do Comandante da Guarda Imperial da Família Romanov, Vasily Alexandrovich Dolgorukov, tendo sido executado a sangue frio em Julho de 1918, e então o corpo do Comandante da Guarda Imperial teria sido levado ao cemitério Ivanovskoe junto ao Conde Tatishchev, onde esse acabou morto e posto em um buraco.

Em 1964, durante uma entrevista, Nikulin revela: *"Eu o levei para o campo e amaldiçoei tudo enquanto estava arrastando suas malas de volta."*

Nikulin também esteve envolvido na morte de Hermógenes, bispo de Tobolsk e da Sibéria, que foi afogado no rio Tura por bolcheviques.

Nikulin acabou morrendo em 22 de Setembro de 1965, em Moscou.

Dmitry Grigoriyevich Bogrov: o assassino do ministro

Nascido em 1887, sem localização historiografada, foi responsável pela morte do Ministro do Interior da Rússia, Pyotr Stolypin, durante o Regime do Czar.

O ministro foi baleado ao lado do Czar e suas filhas, em 14 de Setembro de 1911, durante a Ópera de Kiev, mas não morreu de imediato, apenas 4 dias depois.

O ato foi considerado um atentado ao movimento conservador da época que teria perdido força para dar gás à Revolução que estaria prestes a acontecer.

Bogrov foi julgado pelo Tribunal Militar do Distrito de Kiev, acabou condenado à morte em 24 de Setembro de 1911 na fortaleza de Kiev de Lysa Hora.

Filipp Goloshchyokin: o carniceiro dos Urais

Filipp Goloshchyokin, nascido Isay Isaakovich Goloshchyokin, numa família judaica, (o nome de Isay pode conter variações para Isak, Isayevich, Isaakovich, Itskovich) em 9 de Março de 1876, foi um bolchevique russo-judeu que serviu como figura sênior do Partido Comunista, ele serviu como Chefe de Estado, Árbitro do Conselho, de Pessoas de Comissários da União Soviética, Primeiro-Secretário do cazaque Comitê Regional do Partido Comunista da União Soviética entre 1924 e 1934.

Formado em Odontologia em Riga, na Rússia, trabalhou com próteses dentárias até 1903, quando se juntou ao Partido Social-Democrata Russo e então começou a conduzir um trbaalho revolucionário em São Petersburgo e várias cidades ao redor. Acabou participando ativamente da Revolução de 1905 e 1907 e então, em 1909, começou a trabalhar no Comitê de Moscou do Partido Social-Democrata dirigindo-o. Mas no mesmo ano acabou preso e exilado na região de Narym, na Rússia, tendo fugido em 1910.

Dois anos depois, em 1912, acabou trabalhando como delegado do Congresso Bolchevique em Praga, na República Tcheca, onde Lenin formalizou a ruptura com os mencheviques e criou a facção que ficaria conhecida no mundo todo como Bolchevique, que assumiria a posição de Bolchevizar a Rússia e o Leste Europeu, e assim o fizeram.

Em 1913 acabou preso novamente pelas autoridades russas e exilado para Turukhansk, na Sibéria, onde foi liberado apenas 4 anos depois, em 1917, após a Revolução de Fevereiro. E em Maio de 1917, Sverdlov, então

Presidente do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia enviou Philip para a Região Ural, onde informou aos bolcheviques locais que já trabalhavam ali: *"O camarada Phillip foi para os Urais, um homem muito enérgico com a linha do partido certo."*

Com muito prestígio acabou participando ativamente de vários outros Comitês dentro da União Soviética até que após a Revolução de Outubro e o sucesso da mesma, foi incumbido para ser Presidium do Soviete Regional Ural, que ficava em Ecaterimburgo, na Rússia, e então, o povo da região Ural estava prestes a conhecer o monstro que os bolcheviques criaram...

Já na Primavera de 1918 propôs a execução do Príncipe Lvov, que serviu como presidente do Governo Provisório Russo após a Revolução de Fevereiro.

Phillip foi também responsável pela execução do Tsar junto com Yakov Sverdlov, onde transferiu o então imperador Nicolau II para Ecaterimburgo para ter menos chances de reação do Exército Branco, o exército pró czar.

Mas essa não era a idéia de Lenin, ele queria que o czar fosse exposto a público como numa espécie de julgamento tendo Trotsky como procurador-chefe, mas visto que poderiam ser pegos pela guarda imperial, acabaram por concordar na transferência do czar e sua família para a Casa Ipatiev, onde foram mortos e executados.

O GENOCÍDIO GOLOCHCHEKIN

Episódio marcante na carreira do bolchevique, tendo inclusive ficado conhecido especificamente por tal, o genocídio que recebe o seu sobrenome como "reconhecimento", aconteceu em Outubro de 1922 a 1925, onde já estava servindo como Presidente do Conselho Provincial de Samara de Operários, Camponeses e Deputados do Exército Vermelho, Presidente do Comitê Executivo de Samara Gubernaya e Membro do Comitê Provincial do Partido Comunista Russo, onde em 23 de Outubro acabou abolindo a Lei Marcial que vigorava na província de Samara.

Só que depois que Stalin ordenou a coletivização forçada da agricultura em toda a União Soviética, Phillip resolveu fazer o mesmo na região onde "dominava" e então ordenou que os nômades do Cazaquistão fossem

forçadas a se estabelecer em fazendas coletivas, o que acabou acarretando uma enorme fome no país matando de 1 a 3 milhões de cazaques, isso era 38% de todo Cazaquistão na época.

Cita o Professor KM Abzahanov: *"A fome matou pelo menos 3 milhões de cazaques, um sexto da população indígena deixou para sempre sua pátria histórica. Dos 3,5 milhões de cazaques em 1897 representando 82% da população da região, em 1939 havia apenas 2,3 milhões, população da República caiu drasticamente para 38%."*

Um historiador da revolução, VL Burtsev, que conhecia pessoalmente Goloschyokin o caracterizou como: *"Este é um leninista típico, um homem que não detém o sangue. Esse traço é especialmente perceptível em sua natureza: o carrasco, cruel, com alguns elementos de degeneração. Na vida de festa ele era arrogante, um demagogo, um cínico. Ele não contava os cazaques como pessoas. Ele nem apareceu no Cazaquistão afirmando que não há poder soviético, e seria necessário um "Outubro Pequeno" (se referindo à Revolução de Outubro que consolidaria a União Soviética)."*

Muito diferente do resto dos bolcheviques que acabaram morrendo durante o Grande Expurgo, Phillip acabou sobrevivendo, onde uma declaração à época iria bombardear de vez a carreira do bolchevique: Nikolai Yezhov teria declarado que viveu com Phillip em seu apartamento na capital do Cazaquistão uma relação homossexual.

A homossexualidade foi criminalizada na União Soviética em 1934 e a relação dos dois teria acontecido em 1925.

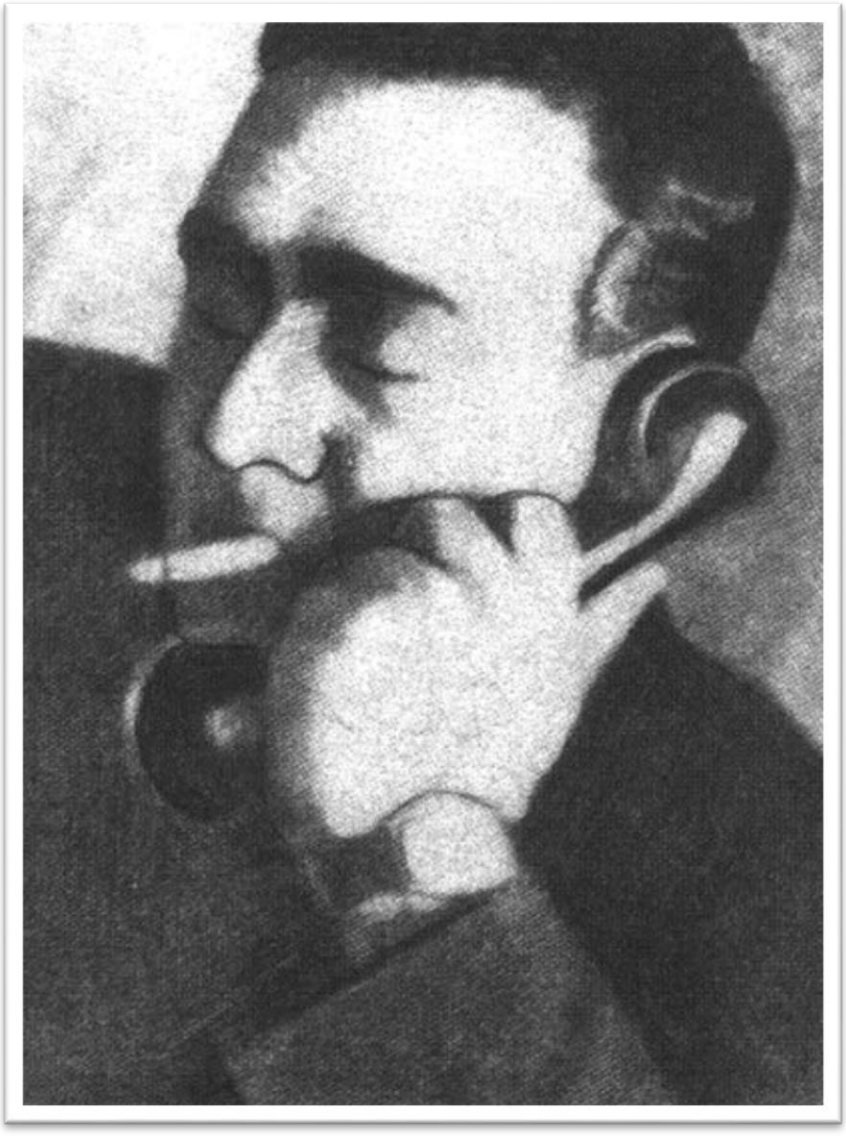
Goloshchyokin acabou preso em 15 de Outubro de 1939 acusado de conspiração contra a União Soviética e solidariedade ao Trotskismo, ainda havendo uma possível preparação para um ato terrorista e até excessos em coletivizações, havendo ainda a acusação de que teria trabalhado para a Alemanha Nazista como espião.

Em Kuybyshev, na Rússia, sede da NKVD, após ser transferido de Lubianka, acabou ficando na lista dos "20 presos especialmente perigosos".

Acabou sendo fuzilado a mando de Stalin e foi enterrado sem identificação tendo sido reabilitado postumamente em 1961.

Curiosidade: uma das ruas de Ecaterimburgo, conhecida como Sverdlovsk acabou recebendo o sobrenome de Phillip.

LAZAR KOGAN: O CARNICEIRO DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO



Tendo nascido Lazar Iosifovich Kogan numa família judaica, em 3 de Março de 1899, foi um policial secreto da Cheka, OGPU, NKVD, onde igressou no Partido Comunista em 1918.

Ficou conhecido por administrar os primeiros Gulags, campos de concentração trabalhistas da União Soviética entre 1930 e 1932 sendo o chefe dos campos entre 1932 e 1936.

Acabou preso em 31 de Janeiro de 1938 durante o Grande Expurgo, recorrendo a Lavrentiy Beria e Nikolai Yezhov para ajudá-lo mas não obteve resposta, foi fuzilado em 3 de Março de 1939 tendo sido reabilitado postumamente em 1956.

NACHMAN DUSHANSKI: o açougueiro lituano

Nascido em 29 de Dezembro de 1919 em Siauliai, na Lituânia, foi um oficial de origem judaica que trabalho dentro das agências de segurança NKVD, KGB, MGB e NKGB na Lituânia soviética por mais de 30 anos. Foi responsável pela supressão de guerrilheiros lituanos que eram contra a invasão soviética no país e por isso acabou sendo considerado um “Herói de Guerra” recebendo a Medalha da Coragem, Ordem da Guerra Patriótica e Ordem de Lenin, enquanto para os lituanos não passava de um criminoso de guerra.

Foi responsável pelas prisões em massa de pessoas que eram contra o governo soviético imperante na Lituânia havendo arquitetado o Massacre de Rainiai, onde 70-80 lituanos foram sumariamente fuzilados pelas forças da NKVD no país.

Esteve envolvido também na prisão de antigos colaboradores nazistas que teriam arquitetado o holocausto, vitimando seus pais e três irmãos.

Se mudou para Israel em 1989 um pouco antes da União Soviética colapsar e foi tentada uma extradição para que Dushanski respondesse por seus crimes, mas Israel se recusou a extraditá-lo com o argumento de que haviam mais agentes dentro da Lituânia que também cometeram crimes mas não estavam para serem processados como Dushanski, e então, esse teria sido escolhido para responder por ser "judeu" caracterizando um antissemitismo fantasioso.

Dushanski morreu em 2008, em Haifa, Israel.

YAKOV BLUMKIN: o assassino do Império

Nascido em Odessa, na Ucrânia, numa família judaica, em 1898, foi um bolchevique e agente da polícia secreta soviética (CHEKA) tendo atuado como Diretor Político do Estado (DPE).

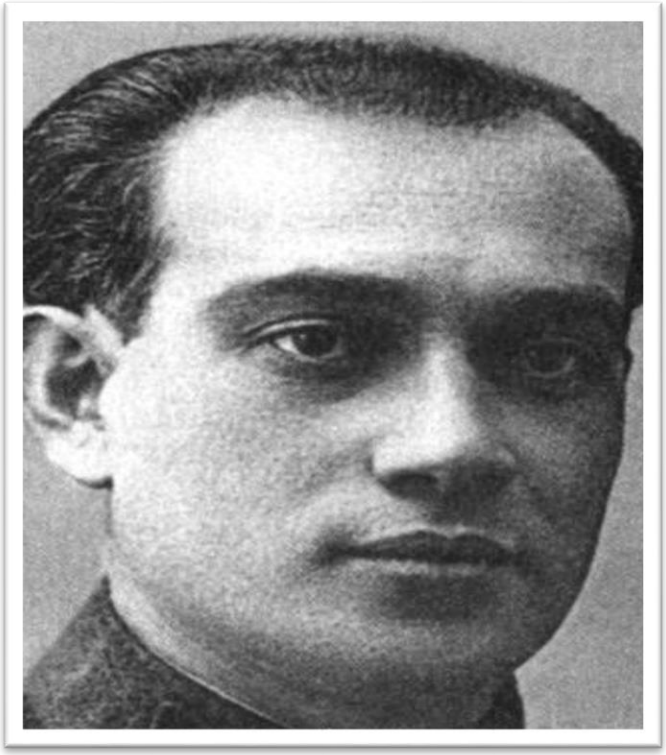
Foi responsável pela morte do embaixador alemão na Rússia Wilhelm Von Mirbach já que o seu partido se opunha ao Tratado de Brest-Litovski.

O evento foi programado para acontecer na abertura do Quinto Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia no Teatro Bolshoi, em Moscou. E então, assim aconteceu. Na tarde de 6 de Julho de 1918, ganhando entrada com documentos falsificados, Yakov esperou Mirbach entrar na sala de desenho quando puxou a arma que mataria o embaixador.

Teria sido responsável também pela venda de incunábulos em hebraico que teria colecionado de sinagogas da Ucrânia para financiar uma rede de espionagem no Oriente Médio, tudo isso acontecendo dentro da Turquia.

Obviamente foi denunciado e chamado de volta a Moscou, quando foi julgado e executado em 3 de Novembro de 1929.

Leonid Raikhman: o vigilante



Nascido Leonid Fedorovitch Raikhman, em 1908 (não há localização historiografada), foi um bolchevique que atuou como vigilante dos campos de concentração da União Soviética atuando ainda na KGB, NKGB e NKVD.

Ele preparou provas relacionadas ao Massacre de Katyn para a Comissão Burdenko em 1943 e, posteriormente, para o Tribunal Militar Internacional no Nuremberg em 1946.

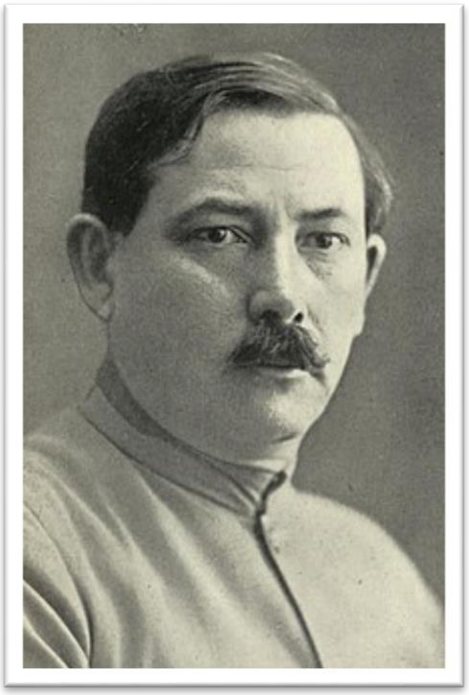
Morreu em 1990 (também não há localização historiografada).

Nikolai Yezhov: o anão sanguinário

Nascido Nikolai Ivanovich Iejov em 1 de Maio de 1895, na cidade de Marijampolé, na Lituânia, no seio de uma família judaica, foi um dos líderes da NKVD.

Yezhov chamava atenção por sua baixa estatura (1,54 de altura) e ficou conhecido como “anão sanguinário” por ter sido o maior responsável pelo Grande Expurgo, onde pelo menos 1.300.000 de pessoas foram presas e mais de 600 mil foram mortas (em sua maioria com um tiro na nuca). Sua gestão é lembrada como “Yezhovschina”.

Mikhail Borodin: o bolchevique chinês



Nascido em 9 de Julho em 1884 em Yanovichi (atualmente Bielorrúsia), nos seio de uma família judaica, foi um bolchevique e agente internacional que ficou conhecido por ser o conselheiro de Sun Yat-sem, considerado pai da República Chinesa, e do Kuomitang (KMT) na China durante a década de 20.

Foi ordenado a liderar uma negociação entre o Kuomintang e o Partido Comunista da China, que era algo visto como proveitoso para os trabalhadores urbanos e rurais da China. Mas Borodin não falava chinês, porém arranhava no inglês com um sotaque meio diferente, e então, essa seria a língua que faria a comunicação das partes.

Borodin descobriu logo de cara que o governo de Sun estava para colapsar no meio de tanta corrupção e do sentimento do Kuomintang anti-bolchevique, Borodin foi encabeçado para reformular o Kuomintang e liderar uma espécie de revolução dentro da futura revolução, começando de dentro para fora.

Sob a chancela de Borodin, muito bem treinado como todo e qualquer bolchevique, ele foi responsável por reformular os partidos em questão e transformá-los com base leninista e de organização de massas, sendo criados inclusive alguns institutos como o Instituto de Treinamento Camponês, onde ninguém menos que Mao Tsé-Tung teria servido junto

com a Academia Militar Whampoa, que acabou treinando oficiais do Exército Revolucionário Nacional sob a liderança de Chiang Kai-shek.

Foi responsável pelo armamento dos grupos e pelo equilíbrio dos mesmos já que havia a ala mais radical do Partido Comunista Chinês.

Quando as forças do General rebelde Chen Jiongming ameaçaram o governo de Sun, Borodin foi responsável pela mobilização das massas em defesa da cidade e, indiretamente, do governo, já que era este que estava ajudando.

Mikhail propôs a primeira proposta de reforma agrária, que acabou sendo recusada pela forte oposição na época, mas Sun aceitou outras, inclusive aceitou reduzir o preço do aluguel em 25%, mas a proposta nunca entrou em vigor quando as forças de Chen saíram da cidade.

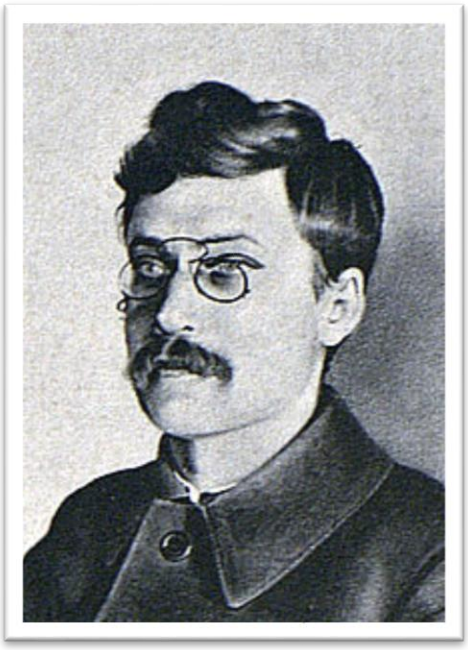
Alguns anos se passaram e em 1929 os chineses se viram cansados da influência soviética nas políticas internas do país, e então Borodin afirmou que a cooperação entre os soviéticos e comunistas chineses estava acontecendo pelo simples fato de serem comunistas. Algumas dezenas de pessoas de dentro do Partido Comunista Chinês vieram defender o fim da cooperação, inclusive Mao Tsé-Tung, que mais tarde viria a ver o sucesso de sua Revolução Cultural e do Maoismo na China.

Alguns chineses perguntaram a Sun sobre o verdadeiro nome de Mikhail Borodin, visto que mudara de nome por ser judeu, Sun respondeu “Lafayette”, mostrando que de certa forma, Sun não sabia o nome verdadeiro de fato de Mikhail.

Acontece que em 1925, Sun morre e Chiang Kai-shek, o general rebelde, acaba tomando o poder das forças revolucionárias, o que representaria o fim da cooperação soviética na China, e Borodin volta à Rússia.

Mikhail acabou “desaparecendo” numa onda de prisões em massa contra intelectuais judeus ordenadas por Stalin em 1949 e teria sido exilado na Sibéria, onde morreu em 1951.

Yemelyan Yaroslavsky: o judeu ateu



Nascido Yemelyan Mikhailovich Yaroslavsky, dentro de uma família judaica, em Chita, na Rússia (durante o Império Russo) em 19 de Fevereiro de 1878, foi um bolchevique revolucionário que apesar de ter origens no judaísmo, acabou por se declarar ateu atuando como editor do jornal satírico ateu “The Godless” (Bezbozhnik) liderando uma Liga Anti-Religiosa dentro da União Soviética, fazendo parte inclusive da liderança do Comitê Anti-Religioso do Comitê Central.

Foi responsável pelas perseguições em massa aos milhares de Ortodoxos russos étnicos que viviam em paz antes da tomada dos bolcheviques se tornar uma realidade.

A história de Yaroslavsky é muito parecida com a de vários bolcheviques aqui dissertados, entrou para o Partido Social-Democrata, depois aos poucos foi se aliando aos bolcheviques, ganhando espaço e destaque, mas o que chamou a atenção e o tornou conhecido foi o ativismo ateísta que exercera nos anos em que esteve presente como um agente da União Soviética.

Não é novidade que os bolcheviques destruíram igrejas ortodoxas, perseguiram cristãos (alguns nem sempre da Rússia mas do Leste Europeu) e tudo isso seguindo estritamente o que o pragmatismo materialista e ateu

de Marx mandara. E ainda há pessoas para dizer que a União Soviética não foi de fato comunista...

O Comitê que Yemelyan liderava, o Comitê Anti-Religioso, não era conhecido como tal, era um "Comitê Para a Execução da Separação da Igreja e o Estado", ainda que da forma mais brutal possível.

A maciça propaganda anti-religiosa não deixou ninguém ficar enganado: os cristãos iriam morrer se continuassem na Rússia, era o destino, não era cogitado poupar alguém, e assim o fizeram.

Felizmente, Yemelyan acabou morrendo devido a um câncer no estômago em 4 de Dezembro de 1943, em Moscou.

Chegou a ganhar duas condecorações: uma Ordem de Lênin e um Prêmio Stalin.

Idel Jakobson: o carniceiro do Leste

Nascido em 12 de Agosto de 1904, na cidade de Jekabpils, na Lituânia, dentro de uma família judaica, Idel foi um bolchevique que atuou na sentença de mais de 1.000 pessoas da Estônia.

Era oficialmente um cidadão lituano, mas mudou-se para a Estônia em 1930, sendo preso em 1931 na capital estoniana sendo acusado de estar conspirando contra a República da Estônia.

Em 1938 acabou ganhando a anistia junto com alguns outros comunistas que também estavam presos e foi deportado para a Lituânia, tendo retornado em 1940 para a Estônia, onde começou a atuar como investigador da NKVD.

Ele ficou conhecido principalmente por seus métodos de tortura e violência sádica para lidar com os interrogados que estavam sendo acusados pela NKVD de algum crime que fosse.

Idel acabou saindo da Estônia e atuando na Rússia e Ucrânia, como chefe de investigação da NKVD.

Ficou principalmente conhecido por ter "implantado" a "Doutrina Vyshinsky", onde já se presumia a culpa, sem um devido processo legal. E por meio desse método acabou por vitimar mais de 600 pessoas que não passaram por um devido processo legal para responderem por seus crimes.

A maioria das vítimas eram estonianos étnicos, incluindo Ado Birk e Jaan Hünerson, conhecidos políticos do país.

Idel Jakobson acabou sendo exonerado de seu cargo após fazer uma visita à uma "cantina" judaica e ter escondido esse fato.

Tendo morrido na capital da Estônia em 12 de Setembro de 1997, uma investigação na década de 90 chegou a ser aberta contra os crimes cometidos por Idel, mas nada nunca chegou de fato aos devidos tribunais assumindo que Idel teria morrido pouco tempo depois.

AGRADECIMENTOS

Não existe uma pessoa em especial para agradecer, na realidade, esse documento é apenas a canalização das madrugadas em claro de um jovem de 20 anos que resolveu tentar fazer algo diferente da maioria, pela primeira vez.

Soa mais como um teste, e é assim que é para ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

"SCHIFF - JewishEncyclopedia.com". jewishencyclopedia.com.

Naomi Wiener Cohen, Jacob H. Schiff: a study in American Jewish leadership

Glazer, N (1957) American Judaism, UCP.

The National Cyclopaedia of American Biography, Vol. XIII, p. 533. New York: James T. White & Company, 1906.

"Schiff, Jacob Henry". Dictionary of American Biography. New York: Charles Scribner's Sons. 1928–1990. pp. 430–432.

"Continental Bank to Mark 70th Year; Institution Has 3,500 Depositors and 6,000 Stockholders". The New York Times. New York City, New York, United States. August 1, 1940. Retrieved November 2, 2017.

Their daughter Frieda Schiff-Warburg (February 3, 1876 – September 14, 1958); married Felix M. Warburg in 1895. Both her husband and her brother became partners in Kuhn, Loeb & Co.

Lord, Walter (1960). The Good Years: From 1900 to the First World War. New York: Harper & Brothers. pp. 71–79.

Loomis, Noel M. (1968). Wells Fargo. New York: Clarkson N. Potter. p. 315.

Thomas, Ryland; Williamson, Samuel H. (2018). "What Was the U.S. GDP Then?". MeasuringWorth. Retrieved January 5, 2018. United States Gross Domestic Product deflator figures follow the Measuring Worth series.

Kowner, Rotem (2006). Historical Dictionary of the Russo-Japanese War. ISBN 0-8108-4927-5: The Scarecrow Press. templatestyles stripmarker in |location= at position 1 (help), p. 344-345.

Cyrus Adler, Jacob Henry Schiff: A Biographical Sketch, p. 12. New York: The American Jewish Committee, 1921

Adler, p. 14.

Pamela Rotner Sakamoto, Japanese Diplomats and Jewish Refugees, p. 17. Westport, Conn.: Praeger Publishers, 1998.

Ackerman, Kenneth (2016). Trotsky in New York, 1917: A Radical on the Eve of Revolution. Counterpoint. pp. 320–321.

Heilbrunn, Bernice. "Jacob H. Schiff." In Immigrant Entrepreneurship: German-American Business Biographies, 1720 to the Present, vol. 3, edited by Giles R. Hoyt. German Historical Institute. Last modified August 05, 2013.

Wikisource-logo.svg Rines, George Edwin, ed. (1920). "Schiff, Jacob Henry". Encyclopedia Americana.

Wikisource Chisholm, Hugh, ed. (1922). "Schiff, Jacob Henry". Encyclopædia Britannica (12th ed.). London & New York.

Reynolds, Francis J., ed. (1921). "Schiff, Jacob Henry". Collier's New Encyclopedia. New York: P.F. Collier & Son Company.

Charles Maurras, Dictionnaire Politique et Critique, 1930–32, vol. II, pages 361–3.

Stephen Birmingham, Our Crowd: The Great Jewish Families of New York, at p. 316–7

"Schiff: Jacob Henry schiff". Jewish Encyclopedia.

"Pacifists Pester Till Mayor Calls Them Traitors". New York Times. March 24, 1917.

The Jewish Communal Register of New York City, 1917-1918, Second Edition, Kehillah, New York, (1919), p. 1019

"Jacob H. Schiff, Noted Financier, Dies In Fifth Av. Home After A Long Illness. Stricken By Heart Disease 6 Months Ago. Suffered Relapse Thursday. End Comes At 6:30 P.M. With His Family At His Bedside. Semi-Conscious For 3 Days Arteriosclerosis Given As Immediate Cause Of Death Of Famous Philanthropist". New York Times. September 26, 1920.

"Thousands Gather At Schiff Funeral". New York Times. September 29, 1920.

"J. H. Schiff's Will". New York Times. October 6, 1920.

Julian Voloj, "On Fordham Road: Signs of the Times". The New York Times. October 22, 2006.

"Welcome to PS 192 "Never let it rest until our good gets better and our better gets best" - P.S. 192 Jacob H. Schiff - M192 - New York City Department of Education". schools.nyc.gov.

Cohen, Naomi Wiener. (1999). Jacob H. Schiff: a Study in American Jewish Leadership. Hanover, New Hampshire: University Press of New England. ISBN 978-0-87451-948-8: OCLC 123134648

Schiff, Jacob Henry and Cyrus Adler. (1928). Jacob H. Schiff; his Life and Letters. Garden City, New York: Doubleday. OCLC 801997

"'Unsung hero' reporter remembered". BBC News. 2006-05-02. Retrieved 2008-08-09.

Brown, Mark (12 November 2009). "1930s journalist Gareth Jones to have story retold: Correspondent who exposed Soviet Ukraine's manmade famine to be focus of new documentary". The Guardian. London. Retrieved 7 April 2016.

Jones, Gareth (28 February 1933). "With Hitler across Europe". The Western Mail and South Wales News. Cardiff. Retrieved 7 April 2016.

"Famine Exposure: Newspaper Articles relating to Gareth Jones' trips to The Soviet Union (1930–35)". www.garethjones.org. Retrieved 7 April 2016.

"Welsh journalist who exposed a Soviet tragedy". walesonline.com. 13 November 2009. Retrieved 7 April 2016.

Walter Duranty (31 March 1933). "RUSSIANS HUNGRY, BUT NOT STARVING; Deaths From Diseases Due to Malnutrition High, Yet the Soviet Is Entrenched". The New York Times: 13. Archived from the original on 2003-03-30.

Gareth Jones (13 May 1933). "Mr. Jones Replies; Former Secretary of Lloyd George Tells of Observations in Russia". The New York Times: 12. Archived from the original on 2003-03-24.

"Journalist Gareth Jones' 1935 murder examined by BBC Four". BBC News. 2012-07-05. Retrieved 2012-07-05.

""Live" – a film about Holodomor by Sergey Bukovsky". Ukraine Film Office. 29 October 2008. Retrieved 7 April 2016.

"The Living Historical Documentary Premiered, Ordered by Ukraine 3000 International Charitable Foundation". International Charitable Fund "Ukraine 3000". 21 November 2008. Retrieved 7 April 2016.

"The Second Annual Cambridge Festival of Ukrainian Film". Eventbrite. 13 November 2009. Retrieved 7 April 2016.

"Ukrainian Studies Film Festival". Cambridge Ukrainian Studies. Cambridge University. Retrieved 7 April 2016.

"The Winners of 6th Golden Apricot". GAIFF. 19 July 2009. Retrieved 7 April 2016.

Obenson, Tambay A. (23 July 2015). "140 New Projects Selected for the IFP's 2015 Project Forum Slate". IndieWire. Retrieved 7 April 2016.

"'American Honey', 'Rams' execs among EFP Producers On The Move" Archived 4 August 2016 at the Wayback Machine.. Screen International.

Clarke, Stewart (25 May 2018). "James Norton on 'Gareth Jones,' Agnieszka Holland and History Lessons". Variety. Retrieved 27 May 2018.

"Ukraine to honour Welsh reporter". BBC Wales. 2008-11-22. Retrieved 2008-11-22.

"Telling the truth about the Ukrainian famine". National Post (Canada). 2008-11-22. Archived from the original on 2009-01-12. Retrieved 2008-11-22.

Choma, Lidia. "Holodomor Facts and History".

Meyer, Karl E. (June 24, 1990). "The Editorial Notebook; Trenchcoats, Then and Now". The New York Times. Retrieved September 30, 2016.

Elizabeth A. Brennan and Elizabeth C. Clarage, Who's who of Pulitzer Prize Winners, p. 71 [1].

Taylor, Sally J. (1990). Stalin's Apologist. Oxford University Press. pp. 28–50.

Crowley, Aleister (1954). Magick Without Tears (PDF). Ordo Templi Orientis. p. 38. Retrieved 24 June 2017.

Taylor, Sally J. (1990). Stalin's Apologist. Oxford University Press.

Walter Duranty, Duranty Reports Russia (New York: Viking Press, 1934)

Walter Duranty, Duranty Reports Russia (New York: Viking Press, 1934), 238.

Duranty, Walter (June 24, 1931). "Stalinism Smashes Foes in Marx's Name". Garethjones.org. The New York Times. Retrieved September 30, 2016.

Steinberg, Jacques (October 23, 2003). "Times Should Lose Pulitzer From 30's, Consultant Says". The New York Times. Retrieved September 30, 2016.

Роговин, В.З. «Была ли альтернатива». Том 6. XIII. Сталин и сталинизм глазами белой эмиграции

"Costa book awards 2007: Young Stalin by Simon Sebag Montefiore". The Guardian. January 3, 2008. Archived from the original on September 1, 2013. Retrieved September 30, 2016.

"The Editorial Notebook; Trenchcoats, Then and Now". The New York Times editorial on Walter Duranty, 1990-06-24

Malcolm Muggeridge, Chronicles of Wasted Time. Vol 1, The Green Stick, London: Fontana (pbk), p. 286. The articles appeared on 25, 27 and 28 March 1933.

Gordon W. Morrell, Britain confronts the Stalin Revolution: the Metro-Vickers crisis, Ontario: Wilfrid Laurier University Press, 1995.

Assignment in Utopia By Eugene Lyons.

Conquest, R. Reflections on a Ravaged Century, Oxford University Press, New York. 1986, p. 320.

John Ezard Blair's babe: Did love turn Orwell into a government stooge? The Guardian, June 21, 2003]

Davies, Joseph E. Mission to Moscow. Garden City Publishing, Garden City, NY, 1941

Robert Conquest, The Great Terror, 1968, p. //.

Pulitzer-Winning Lies the Weekly Standard

Stuttaford, Andrew (7 May 2003). "Prize Specimen – The campaign to revoke Walter Duranty's Pulitzer". National Review. Archived from the original on 19 May 2003.

Malcolm Muggeridge, Chronicles of Wasted Time: Vol 1 The Green Stick, London: Fontana (pbk), 1975, pp. 282–285.

Leroux, Charles (25 June 2003). "Bearing Witness". Chicago Tribune. Retrieved 26 April 2015.

"Fellow travelers and useful idiots", The New Statesman, 8 May 2017.

The Foreign Office and the famine: British documents on Ukraine and the Great Famine of 1932–1933 (Studies in East European nationalisms). "Duranty ... manipulated the official palaver so successfully that it was possible to interpret his article in several ways", p. xxx.

Ingraham, Joyce (November 23, 2004). "Zara Witkin". Findagrave.com. Retrieved September 1, 2013.

An American Engineer in Stalin's Russia: The Memoirs of Zara Witkin, 1932–1934, University of California Press.

P. Murphy, The Collective Imagination: The Creative Spirit of Free Societies, Ashgate Publishing, 2012, p. 25.

Duranty 1944, pp. 188–199

anon, N.Y. Times Urged to Rescind 1932 Pulitzer, in USA Today, October 22, 2003, as accessed April 16, 2016 (article authored by The Associated Press (copyright 2005 (unknown if revised in 2005))). Mentioned, without decision date, in anon, New York Times Statement About 1932 Pulitzer Prize Awarded to Walter Duranty, as accessed April 16, 2016.

"N.Y. Times urged to rescind 1932 Pulitzer", retrieved February 2, 2008

Reported in The Washington Times "National" section, October 22, 2003.

"Statement on Walter Duranty's 1932 Prize"

Montefiore, Simon Sebag (2005). Stalin: Court of the Red Tsar. Random House. p. 483.

"Manhattan Project: Espionage and the Manhattan Project, 1940-1945". US Department of Energy - Office of History and Heritage Resources.

"Лаврентия Берию в 1953 году расстрелял лично советский маршал".

Knight, Amy (1995). Beria. Princeton University Press. pp. 14–16. ISBN 0-691-01093-5.

"Берия - взлет и падение". www.abc-people.com.

"Последние Годы Правления Сталина".

Alliluyeva, Svetlana, Twenty Letters to a Friend, p. 138

Мікалай Аляксандравіч Зяньковіч, Николай Зенькович (2005). Самые секретные родственники. ОЛМА Медиа Групп. ISBN 9785948504087.

Simon Sebag Montefiore, Young Stalin, page 67

Knight 1995, p. 57, preview by Google Books

Залесский 2000 cited by Берия Лаврентий Павлович, biographical index, editor Vyacheslav Rumyantsev

"Stalin's depraved executioner still has grip on Moscow". Telegraph.co.uk.

Rotfeld, Adam Daniel; Torkunov, Anatoly. "White Spots—Black Spots: Difficult Matters in Polish-Russian Relations, 1918–2008". University of Pittsburgh Press, 2015

Books, Google, p. 122

Beria/Kim Il-sung Archived 28 May 2013 at the Wayback Machine.

Mark O'Neill. "Kim Il-sung's secret history | South China Morning Post". Scmp.com. Archived from the original on 27 February 2014. Retrieved 2014-04-15.

Berthold Seewald. "Ferien mit Stalin: Als Sotschi das Zentrum des Terrors war". Die Welt (in German). Retrieved 6 Sep 2015.

Knight 1995, p. 143, preview by Google Books

Parrish, 1996

Knight 1995, p. 151, preview by Google Books

"Top 10 Odd Facts about Stalin". Mix Top Ten. Archived from the original on 10 August 2014. Retrieved 6 August 2014.

Chang and Halliday, 2005

Donald Rayfield. Stalin and His Hangmen: The Tyrant and Those Who Killed for Him. Random House, 2005. ISBN 978-0-375-75771-6; pp. 466–467

Sebag-Montefiore, 506

The charges of sexual abuse and rape were disputed by people close to him, including his wife Nina, son Sergo, and Pavel Sudoplatov, see Beria: Stalin's First Lieutenant, Princeton University Press, 1995. ISBN 978-0-691-01093-9 p. 97

Sebag-Montefiore, 507

Sebag-Montefiore, 508

Sebag-Montefiore, 537

Sixsmith, Martin (2011). Russia: A 1,000-Year Chronicle of the Wild East. Random House. p. 396. ISBN 1-4464-1688-7.

Sixsmith, Martin. "Russia, The Wild East series 2, episode 17". BBC. Retrieved 2012-07-17.

Amy Knight. Beria: Stalin's First Lieutenant, Princeton University Press, 1995. ISBN 978-0-691-01093-9 p. 97

Sebag-Montefiore, 571

Sebag-Montefiore, 639.

Sebag-Montefiore, 650.

Sebag-Montefiore, 640–644.

Sebag-Montefiore, 638–41.

Sebag-Montefiore, 640.

Faria, M (2011). "Stalin's mysterious death". Surgical Neurology International. 2 (1): 161. doi:10.4103/2152-7806.89876. ISSN 2152-7806. PMC 3228382. PMID 22140646. Archived from the original on 2012-04-25.

Naumov, Vladimir Pavlovich; Brent, Jonathan (2003). Stalin's last crime: the plot against the Jewish doctors, 1948–1953. London: HarperCollins. ISBN 0-06-019524-X.

Faria, Miguel A. Stalin's Mysterious Death. Archived 2013-10-12 at the Wayback Machine. Surg Neurol Int 2011, 2:161.

Sebag-Montefiore, 649.

Wydra, Harald (2007). Communism and the Emergence of Democracy. Cambridge University Press. p. 165. ISBN 0-521-85169-6.

Gaddis, John Lewis (2005). The Cold War: a new history. Penguin Press. ISBN 1-59420-062-9.

Knight, Amy (1995). Beria: Stalin's First Lieutenant. Princeton University Press. p. 189. ISBN 978-0-691-01093-9.

"History's forgotten people Lavrentiy Beria".

This fits an account (from Khrushchev's perspective) related in Andrew, Christopher; Gordievsky, Oleg (1990). "11". KGB: The Inside Story (1st ed.). New York, NY, USA: HarperCollins Publishers. pp. 423–24. ISBN 0-06-016605-3.

Rhodes, Richard (1995). Dark Sun: The Making of the Hydrogen Bomb. New York, NY, USA: Touchstone. p. 523. ISBN 0-684-80400-X. "A Soviet general, Pavel Batitsky, carried out the sentence of death in Beria's cell. Batitsky's widow reports that the great man who had enjoyed personally torturing his victims crawled on his knees and begged for mercy."

"Citizen Kurchatov Stalin's Bomb Maker". PBS (documentary). Retrieved 12 February 2007.

Jansen, Marc & Nikita Petrov (2002). Stalin's Loyal Executioner: People's Commissar Nikolai Ezhov, 1895–1940. Hoover Institution Press. pp. 186–189. ISBN 0-8179-2902-9.

"Good Night Uncle Joe – One Act Version". www.stageplays.com. Retrieved October 4, 2013.

"Festival de Cannes: Repentance". festival-cannes.com. Retrieved 2009-07-19.

"The Death of Stalin".

The 100-year-Old Man Who Climbed Out the Window and Disappeared, Jonas Jonasson, 2009. Piratförlaget, Sweden. English translation by Rod Bradbury, 2012. Harper Collins Publishers Ltd., Canada.

""Beria's diary" tells how Stalin cried and Churchill was plied". RT.

Montefiore, Simon Sebag (2004). Stalin, The Court of the Red Tsar. London: Phoenix. p. 98. ISBN 0 75381 766 7.

See Yagoda's last plea at his trial in (1938). The Case of the Anti Soviet Bloc of Rights and Trotskyites, Verbatim Report. Moscow: People's Commissariat of Justice of the U.S.S.R. p. 784.

Бажанов, Борис; Кривицкий, Вальтер; Орлов, Александр (2014). Ягода. Смерть главного чекиста (сборник). ISBN 978-5-457-26136-5.

Orlov, Alexander. The Secret History of Stalin's Crimes.

Reswick, William (1952). I Dreamt Revolution. Chicago: Henry Regnery Company. p. 85.

Ipatieff, Vladimir (1946). The Life of a Chemist: Memoirs of Vladimir Ipatieff. Stanford, Ca: Stanford University Press.

Montefiore, Simon Sebag (2004). Stalin, The Court of the Red Tsar. London: Phoenix. p. 98. ISBN 0 75381 766 7.

Larina, Anna (1993). This I Cannot Forget. London: Pandora. pp. 100–101. ISBN 0 04 440887 0.

Krivitsly, W.G. (1940). I Was Stalin's Agent. London: The Right Book Club. p. 170.

Gulag, The Storm projects - The White Sea Canal, Gulag.eu. Retrieved 28 August 2011.

"Russia: Canal Heroes", Time Magazine; 14 August 1933. Retrieved 28 August 2011.

"Russia: Stalin's Mercy"; Time Magazine; 26 July 1937. Retrieved on 28 August 2011.

"Seven million died in the 'forgotten' holocaust - Eric Margolis". www.ukemonde.com. Retrieved 1 April 2018.

Agnieszka Bieńczyk-Missala, Sławomir Dębski (2010). Rafał Lemkin - Holodomor: the Ukrainian holocaust. Polski Instytut Spraw Miedzynarodowyc. p. 225

The Secret File of Joseph Stalin: A Hidden Life by Roman Brackman, Routledge, 2004, p.204-205

McSmith, Andy (2015). Fear and the Muse Kept Watch, The Russian Masters - from Akhmatov and Pasternak to Shostakovich and Eisenstein - Under Stalin. New York: The New Press. p. 91. ISBN 978-1-59558-056-6.

McSmith. Fear and the Muse Kept Watch. p. 92.

Arkady Vaksberg, The Murder of Maxim Gorky: A Secret Execution, 2006, Enigma Books, ISBN 1929631626

Brackman, Roman., The Secret File of Joseph Stalin: A Hidden Life, London: Frank Cass Publishers (2001), p. 231

Barmine, Alexander, One Who Survived, New York: G.P. Putnam (1945), pp. 295-296

Medvedev, Roy. Let History Judge, New York (1971), p. 174

Montefiore 2007, p. 195.

Montefiore 2007, p. 85.

Report of Court Proceedings in the Case of the Anti-Soviet 'Bloc of Rights and Trotskyites'. Moscow: People's Commissariat of Justice of the USSR. 1938. p. 573.

See Aleksandr I. Solzhenitsyn. The Gulag Archipelago Vol I–II, Harper & Row, 1973, ISBN 0-06-013914-5

Solzhenitsyn, Aleksandr I. (30 December 1973). "'The Gulag Archipelago, 1918–1956' Solzhenitsyn on Purge Trials of the 30's". Retrieved 1 April 2018 – via NYTimes.com.

"Лаврентия Берию в 1953 году расстрелял лично советский маршал". Retrieved 1 April 2018.

The final photograph of Lilya Genrikh, taken before her execution is in King, David (2003). Ordinary Citizens, the Victims of Stalin. London: Francis Boutle. p. 142. ISBN 1 903427 150.

- *Kużniar-Plota, Małgorzata (30 November 2004). "Decision to commence investigation into Katyn Massacre". Departmental Commission for the Prosecution of Crimes against the Polish Nation. Retrieved 4 August 2011.*

- - *Engel, David (1993). Facing a holocaust: the Polish government-in-exile and the Jews, 1943–1945. UNC Press Books. p. 71. ISBN 978-0-8078-2069-8. Retrieved 16 June 2011.*

· · "Russia to release massacre files". BBC News. 1 November 1989. Retrieved 16 December 2004.

· · Roberts, Geoffrey (2006). Stalin's Wars: from World War to Cold War, 1939–1953. Yale University Press. p. 171. ISBN 978-0-300-11204-7. Retrieved 16 June 2011.

· · "Russian, Polish Leaders To Mark Katyn Anniversary". Radio Free Europe. 6 April 2010. Retrieved 4 August 2011.

· · "Russian parliament condemns Stalin for Katyn massacre". BBC News. 26 November 2010. Retrieved 3 August 2011.

· · "Polish-British CDP". britishmilitaryhistory.co.uk. Archived from the original on 2 November 2014.

· · May, Ernest R. (2000). Strange Victory: Hitler's Conquest of France. I. B. Tauris. p. 93. ISBN 978-1-85043-329-3.

· · Horner, David M.; Havers, Robin (2003). The Second World War: Europe, 1939–1943. Taylor & Francis. p. 34. ISBN 978-0-415-96846-1.

· · Werth, Nicholas; Kramer, Mark (15 October 1999). "A State against Its People: Violence, Repression and Terror in the Soviet Union". In Stéphane Courtois. Livre noir du Communisme: crimes, terreur, répression. Harvard University Press. p. 208. ISBN 978-0-674-07608-2. Retrieved 16 June 2011.

· · Rieber, Alfred J. (2000). Forced migration in Central and Eastern Europe, 1939–1950. Psychology Press. pp. 31–33. ISBN 978-0-7146-5132-3. Retrieved 19 May 2011.

· · Meltiukhov, Mikhail. Отчёт Украинского и Белорусского фронтов Красной Армии (in Russian). Retrieved 4 August 2011.

· · Sanford, George (2005). Katyn and the Soviet Massacre of 1940: Truth, Justice and Memory. ROUTLEDGE CHAPMAN & HALL. p. 44. ISBN 978-0-415-33873-8. Retrieved 7 May 2011.

· · Simon-Dubnow-Institut für Jüdische Geschichte und Kultur (2007). Shared History, Divided Memory: Jews and others in Soviet-occupied Poland, 1939–1941. Leipziger Universitätsverlag. p. 180. ISBN 978-3-86583-240-5. Retrieved 19 May 2011.

· · "Ustawa z dnia 9 kwietnia 1938 r. o powszechnym obowiązku wojskowym (Act of 9 April 1938, on Compulsory Military Duty)". Dziennik Ustaw (in Polish). **25** (220). 1938. Archived from the original on 28 September 2007.

· · Gmyz, Cezary (18 September 2009). "1.8 mln polskich ofiar Stalina". Rzeczpospolita (in Polish). Retrieved 4 August 2011.

· · Szarota, Tomasz; Materski, Wojciech (2009). Polska 1939–1945. Straty osobowe i ofiary represji pod dwiema okupacjami. ISBN 978-83-7629-067-6. Retrieved 19 November 2016.

· · Davies, Norman (September 2008). No Simple Victory: World War II in Europe, 1939–1945. Penguin. p. 292. ISBN 978-0-14-311409-3. Retrieved 19 May 2011.

• • Piotrowski, Tadeusz (September 2007). The Polish Deportees of World War II: Recollections of Removal to the Soviet Union and Dispersal Throughout the World. McFarland. p. 4. ISBN 978-0-7864-3258-5. Retrieved 16 June 2011.

• • Juretzko, Werner. "The grave unknown elsewhere or any time before ... Katyń – Kharkiv – Mednoe". Retrieved 4 August 2011. Article includes a note that it is based on a special edition of a "Historic Reference-Book for the Pilgrims to Katyń – Kharkow – Mednoe" by Jędrzej Tucholski

• • Cienciala, Anna M.; Materski, Wojciech (2007). Katyn: A Crime without Punishment. Yale University Press. p. 30. ISBN 978-0-300-10851-4. Retrieved 19 May 2011.

• • Zawodny, Janusz K. (1962). Death in the Forest: The Story of the Katyn Forest Massacre. University of Notre Dame Press. p. 77. ISBN 978-0-268-00849-9.

• • Cienciala, Anna M.; Materski, Wojciech (2007). Katyn: a crime without punishment. Yale University Press. p. 81. ISBN 978-0-300-10851-4. Retrieved 19 May 2011.

• • Fischer, Benjamin B. (1999–2000). "The Katyn Controversy: Stalin's Killing Field". Studies in Intelligence (Winter). Retrieved 3 August 2011.

• • Яжборовская, И. С.; Яблоков, А. Ю.; Парсаданова, В.С. (2001). "ПРИЛОЖЕНИЕ: Заключение комиссии экспертов Главной военной прокуратуры по уголовному делу № 159 о расстреле польских военнопленных из Козельского, Осташковского и Старобельского спецлагерей НКВД в апреле—мае 1940 г". Катынский синдром в советско-польских и российско-польских отношениях [The Katyn Syndrome in Soviet-Polish and Russian-Polish relations] (in Russian) (1st ed.). ISBN 978-5-8243-1087-0. Retrieved 9 November 2010.

• • Brown, Archie (9 June 2009). The Rise and Fall of Communism. HarperCollins. p. 140. ISBN 978-0-06-113879-9. Retrieved 7 May 2011.

• • Weinberg, Gerhard (2005). A World at Arms. Cambridge University Press. p. 107. ISBN 978-0-521-61826-7.

• • Łojek, Bożena (2000). Muzeum Katyńskie w Warszawie. Agencja Wydawm. CB Andrzej Zasieczny. p. 174. ISBN 978-83-86245-85-7. Retrieved 7 May 2011.

• • Parrish, Michael (1996). The Lesser Terror: Soviet State Security, 1939–1953. Praeger Press. pp. 324, 325. ISBN 978-0-275-95113-9.

• • Andrzej Leszek Szcześniak, ed. (1989). Katyń; lista ofiar i zaginionych jeńców obozów Kozielsk, Ostaszków, Starobielsk. Warsaw, Alfa. p. 366. ISBN 978-83-7001-294-6.; Moszyński, Adam, ed. (1989). Lista katyńska; jeńcy obozów Kozielsk, Ostaszków, Starobielsk i zaginieni w Rosji Sowieckiej. Warsaw, Polskie Towarzystwo Historyczne. p. 336. ISBN 978-83-85028-81-9.; Tucholski, Jędrzej (1991). Mord w Katyniu; Kozielsk, Ostaszków, Starobielsk: lista ofiar. Warsaw, Pax. p. 987. ISBN 978-83-211-1408-8.; Banaszek, Kazimierz (2000). Kawalerowie Orderu Virtuti Militari w mogiłach katyńskich. Roman, Wanda Krystyna; Sawicki, Zdzisław. Warsaw, Chapter of the Virtuti Militari War Medal & RYTM. p. 351. ISBN 978-83-87893-79-8.; Maria Skrzyńska-Pławińska, ed. (1995). Rozstrzelani w Katyniu; alfabetyczny spis 4410 jeńców polskich z Kozielska rozstrzelanych w kwietniu-maju 1940, według źródeł sowieckich, polskich i niemieckich. Stanisław Maria Jankowski. Warsaw, Karta. p. 286. ISBN 978-83-86713-11-0.; Skrzyńska-Pławińska, Maria, ed. (1996). Rozstrzelani w Charkowie; alfabetyczny spis 3739 jeńców polskich ze Starobielska rozstrzelanych w kwietniu-maju 1940, według źródeł sowieckich

i polskich. Porytskaya, Ileana. Warsaw, Karta. p. 245. ISBN 978-83-86713-12-7.; Skrzyńska-Pławińska, Maria, ed. (1997). Rozstrzelani w Twerze; alfabetyczny spis 6314 jeńców polskich z Ostaszkowa rozstrzelanych w kwietniu-maju 1940 i pogrzebanych w Miednoje, według źródeł sowieckich i polskich. Porytskaya, Ileana. Warsaw, Karta. p. 344. ISBN 978-83-86713-18-9.

· · Snyder, Timothy (12 October 2010). Bloodlands: Europe Between Hitler and Stalin. Basic Books. p. 140. ISBN 978-0-465-00239-9. Retrieved 7 May 2011.

· · Sanford, George (2005). Katyn and the Soviet Massacre of 1940: Truth, Justice and Memory. ROUTLEDGE CHAPMAN & HALL. p. 102. ISBN 978-0-415-33873-8. Retrieved 16 September 2014.

· · Stepanovich Tokariev, Dmitri (1994). Zeznanie Tokariewa (in Polish). Anatoliy Ablokov, Fryderyk Zbiniewicz. Warsaw, Niezależny Komitet Historyczny Badania Zbrodni Katyńskiej. p. 71., also in Gieysztor, Aleksander; Germanovich Pikhoya, Rudolf, eds. (1995). Katyń; dokumenty zbrodni. Materski, Wojciech; Belerska, Aleksandra. Warsaw, Trio. pp. 547–567. ISBN 978-83-85660-62-0.

· · See for instance: Polak, Barbara (2005). "Zbrodnia katyńska". Biuletyn IPN (in Polish): 4–21. Archived from the original (PDF) on 8 December 2009. Retrieved 22 November 2007.

· · Sebag Montefiore, Simon (2004). Stalin: The Court of the Red Tsar. Random House. p. 334. ISBN 978-1-4000-7678-9.

· · The Katyn Massacre (April 1940) | Jewish Virtual Library

· · "The Katyn Controversy: Stalin's Killing Field". cia.gov.

· · various authors (collection of documents) (1962). Zbrodnia katyńska w świetle dokumentów (in Polish). Foreword by Władysław Anders. Gryf. pp. 16, 30, 257.

· · cheko, Polish Press Agency (21 September 2007). "Odkryto grzebień z nazwiskami Polaków pochowanych w Bykowni". Gazeta Wyborcza (in Polish). Archived from the original on 15 September 2012. Retrieved 21 September 2007.

· · Peszkowski, Zdzisław (2007). "Jedyna kobieta — ofiara Katynia (The only woman victim of Katyn)". Tygodnik Wileńszczyzny (in Polish) (10). Retrieved 22 November 2007.

· · Kukiel, Marian; Jagiełło, Barbara (2003). "Special Edition of Kombatant Bulletin on the occasion of the Year of General Sikorski. Official publication of the Polish government Agency of Combatants and Repressed" (PDF). Kombatant (in Polish) (148). Archived from the original (PDF) on 17 July 2011. Retrieved 3 August 2011.

· · Brackman, Roman (2001). The Secret File of Joseph Stalin: A Hidden Life. Psychology Press. p. 358. ISBN 978-0-7146-5050-0. Retrieved 16 June 2011.

· · Polak, Barbara (2005). "Zbrodnia katyńska". Biuletyn IPN (in Polish): 4–21. Archived from the original (PDF) on 8 December 2009. Retrieved 22 November 2007.

· · Basak, Adam (1993). Historia pewnej mistyfikacji: zbrodnia katyńska przed Trybunałem Norymberskim. Wydawn. Uniwersytetu Wrocławskiego. p. 37. ISBN 978-83-229-0885-3. Retrieved 7 May 2011. (Also available at Adam Basak Archived 19 August 2011 at the Wayback Machine.)

· · Balfour, Michael (1979). Propaganda in War 1939–1945: Organisation, Policies and Publics in Britain and Germany. Routledge & Kegan Paul. pp. 332–333. ISBN 978-0-7100-0193-1.

· · Sanford, George (2005). Katyn and the Soviet Massacre of 1940: Truth, Justice and Memory. ROUTLEDGE CHAPMAN & HALL. p. 130. ISBN 978-0-415-33873-8. Retrieved 7 May 2011.

· · Sebastian Chosiński (January–February 2005). "Goetel, Skiwski, Mackiewicz. "Zdrajcy" i "kolaboranci", czyli polscy pisarze oskarżani o współpracę z hitlerowcami" (in Polish). Magazyn ESENSJA Nr 1 (XLIII). Retrieved 25 December 2011.

· · Sanford, George (2005). Katyn and the Soviet Massacre of 1940: Truth, Justice and Memory. ROUTLEDGE CHAPMAN & HALL. p. 131. ISBN 978-0-415-33873-8. Retrieved 7 May 2011.

· · Goebbels, Joseph; Translated by Lochner, Louis (1948). The Goebbels Diaries (1942–1943). Doubleday & Company.

· · Zawodny, Janusz K. (1962). Death in the Forest: The Story of the Katyn Forest Massacre. University of Notre Dame Press. p. 15. ISBN 978-0-268-00849-9.

· · Council of Ministers; Polish Government in Exile (1943). "Official statement of the Polish government, on 17 April 1943". Katyn Memorial Wall. Archived from the original on 16 June 2008. Retrieved 22 August 2011.

· · Leslie, Roy Francis (1983). The History of Poland since 1863. Cambridge University Press. p. 244. ISBN 978-0-521-27501-9.

· · "Soviet Note of 25 April 1943, severing unilaterally Soviet-Polish diplomatic relations, English translation of the Russian document". Electronic museum. Archived from the original on 16 June 2008. Retrieved 4 August 2011.

· · Dean, Martin (9 March 2003). Collaboration in the Holocaust: Crimes of the Local Police in Belorussia and Ukraine, 1941–44. Palgrave Macmillan. p. 144. ISBN 978-1-4039-6371-0. Retrieved 16 June 2011.

· · Sandler, Stanley (2002). Ground Warfare: An International Encyclopedia. ABC-CLIO. p. 808. ISBN 978-1-57607-344-5.

· · Cienciala, Anna M.; Materski, Wojciech (2007). Katyn: A Crime without Punishment. Yale University Press. pp. 226–229. ISBN 978-0-300-10851-4. Retrieved 2 June 2011.

· · Rees, Laurence (4 May 2010). World War II Behind Closed Doors: Stalin, the Nazis and the West. Random House Digital, Inc. pp. 243–246. ISBN 978-0-307-38962-6. Retrieved 29 June 2011.

· · "Behind the Polish-Soviet Break – anti-Polish Soviet propaganda -->". latvians.com.

· · Dunn, Dennis J. (1998). Caught between Roosevelt & Stalin: America's ambassadors to Moscow. University Press of Kentucky. p. 184. ISBN 978-0-8131-2023-2. Retrieved 2 June 2011.

· · Raczynski, Edward (1962). In Allied London: The Wartime Diaries of the Polish Ambassador. p. 141.

· · Crawford, Steve (2006). The Eastern Front Day by Day, 1941–45: A Photographic Chronology. Potomac Books. p. 20. ISBN 978-1-59797-010-5.

· · Davies, Norman (20 January 1998). Europe: A History. HarperCollins. p. 1004. ISBN 978-0-06-097468-8.

· · Rees, Laurence (4 May 2010). World War II Behind Closed Doors: Stalin, the Nazis and the West. Random House Digital, Inc. pp. 188–189. ISBN 978-0-307-38962-6. Retrieved 29 June 2011.

· · Churchill, Winston (11 April 1986). The Hinge of Fate. Houghton Mifflin Harcourt. p. 680. ISBN 978-0-395-41058-5. Retrieved 16 June 2011.

· · Jeffery, Ron (1 December 1989). Red runs the Vistula. Nevron Associates. pp. 308–309. ISBN 978-0-908734-00-9. Retrieved 29 June 2011.

· · US National Archives

· · National Archives and Records Administration, documents related to Committee to Investigate and Study the Facts, Evidence, and Circumstances of the Katyn Forest Massacre (1951–52) online, last accessed on 14 April 2010. Also, Select Committee of the US Congress final report: "The Katyn Forest Massacre", House Report No. 2505, 82nd Congress, 2nd Session (22 December 1952) online pdf Archived 9 February 2006 at the Wayback Machine., unofficial reproduction of the relevant parts.

· · "The Katyn Controversy: Stalin's Killing Field — Central Intelligence Agency". Cia.gov. Archived from the original on 17 January 2010. Retrieved 21 February 2011.

· · "Katyn massacre: US hushed up Stalin's slaughter of Polish officers, released memos show". New York Daily News. 10 September 2012. Retrieved 10 September 2012.

· · "Colonel Van Vliet on the Katyn massacre". warbirdforum.com.

· · "Newly-discovered US witness report describes evidence of 1939 Katyn massacre". Fox News Channel. Associated Press. 9 January 2014. Retrieved 6 February 2015.

· · (in Russian) I. S. Yazhborovskaja, A. Yu. Yablokov, V. S. Parsadanova, Катынский синдром в советско-польских и российско-польских отношениях (The Katyn Syndrome in Soviet–Polish and Russian–Polish Relations), Moscow, ROSSPEN, 2001, ISBN 978-5-8243-0197-7, pp. 336–337. (paragraph preceding footnote [40] in the web version). A review of this book appeared as Cienciala, A. M. (2006). "The Katyn Syndrome". The Russian Review. **65** (1): 117–121. doi:10.1111/j.1467-9434.2005.00389.x.

· · Alderman, S. S., "Negotiating the Nuremberg Trial Agreements, 1945", in Raymond Dennett and Joseph E. Johnson, edd., Negotiating With the Russians (Boston, MA: World Peace Foundation, [1951]), p. 96

· · "Excerpts of Nuremberg archives, Fifty-Ninth Day: Thursday, 14 February 1946". Nizkor. 2 January 2006. Retrieved 4 August 2011.

· · Cook, Bernard A. (2001). Europe Since 1945: An Encyclopedia. Taylor & Francis. p. 712. ISBN 978-0-8153-4058-4. Retrieved 6 October 2014.

• • As described by Iona Nikitchenko, one of the judges and a military magistrate having been involved in Stalin's show trials, "the fact that the Nazi chiefs are criminals was already established [by the declarations and agreements of the Allies]. The role of this court is thus limited to determine the precise culpability of each one [charged]". in: Nuremberg Trials, Leo Kahn, Bellantine, NY, 1972, p. 26.

• • Silitski, Vitali (11 May 2005). "A Partisan Reality Show". Transitions Online. Retrieved 4 August 2011.

• • Coatney, Louis Robert (1993). The Katyn Massacre (A Master of Arts Thesis). Western Illinois University. Retrieved 29 October 2010.

• • Schemann, Serge (July 1985). "SOLDIERS STORY' SHARES PRIZE AT MOSCOW FILM FESTIVAL". New York Times: 10. Retrieved 14 April 2010.

• • Jan Józef Lipski (1985). KOR: a history of the Workers' Defense Committee in Poland, 1976–1981. Berkeley: University of California Press. ISBN 978-0-520-05243-7. see Index for Katyn references and information about beatings and repressions of the democracy activists

• • Ouimet, Matthew J. (2003). The rise and fall of the Brezhnev Doctrine in Soviet foreign policy. UNC Press Books. p. 126. ISBN 978-0-8078-5411-2. Retrieved 7 May 2011.

• • Cienciala, Anna M.; Materski, Wojciech (2007). Katyn: A Crime without Punishment. Yale University Press. pp. 240–241. ISBN 978-0-300-10851-4. Retrieved 7 May 2011.

• • Sanford, George (2005). Katyn and the Soviet Massacre of 1940: Truth, Justice and Memory. ROUTLEDGE CHAPMAN & HALL. p. 94. ISBN 978-0-415-33873-8. Retrieved 7 May 2011.

• • RFE/RL Research Institute (1993). RFE/RL research report: weekly analyses from the RFE/RL Research Institute. Radio Free Europe/Radio Liberty, Inc. p. 24. Retrieved 7 May 2011. One of the documents turned over to the Poles on 14 October was Shelepin's handwritten report from 1959

• • "Weeping Poles visit Katyn massacre site". United Press International. 30 October 1989.

• • "Commemoration of Victims of Katyn Massacre". BBC News. 1 November 1989.

• • "Brzezinski: Soviets Should Take Responsibility for Katyn Massacre". Associated Press. 30 October 1989.

• • "History: Judgment On Katyn". Time. 13 November 1989. Retrieved 4 August 2011.

• • "Chronology 1990; The Soviet Union and Eastern Europe". Foreign Affairs. 1990. p. 212.

• • Sanford, George (2005). Katyn and the Soviet Massacre of 1940: Truth, Justice and Memory. ROUTLEDGE CHAPMAN & HALL. p. 199. ISBN 978-0-415-33873-8. Retrieved 19 May 2011.

• • Cienciala, Anna M.; Materski, Wojciech (2007). Katyn: A Crime without Punishment. Yale University Press. p. 256. ISBN 978-0-300-10851-4. Retrieved 7 May 2011.

• • "Newsline "...despite Poland's status as 'Key Economic Partner'"". Radio Free Europe. 2 January 2006. Retrieved 4 August 2011.

• • Kondratov, V. K. (2005). Ответ ГВП на письмо общества "Мемориал" [Answer of the General Prosecutor's Office to the letter of the Memorial Society] (in Russian). General Prosecutor's Office of the Russian Federation. Archived from the original on 5 June 2011. Retrieved 8 July 2011.

• • "Statement on investigation of the "Katyn crime" in Russia". Memorial" human rights society. 31 January 2009. Archived from the original on 5 June 2011. Retrieved 4 August 2011.

• • Traynor, Ian (29 April 2005). "Russian victory festivities open old wounds in Europe". Guardian Unlimited. London. Retrieved 4 August 2011.

• • "Katyn Resolution Adopted". Warsaw Voice. 30 March 2005. Retrieved 4 August 2011.

• • "Senate pays tribute to Katyn victims". The Embassy of the Polish Republic in Canada. 31 March 2005. Archived from the original on 20 April 2005. Retrieved 4 August 2011.

• • Europe.view (7 February 2008). "In denial. Russia revives a vicious lie". The Economist. Retrieved 8 July 2011.

• • (in Polish) wiadomosci.gazeta.pl: "NKWD filmowało rozstrzelania w Katyniu" Archived 17 May 2013 at the Wayback Machine., 17 July 2008

• • Joliet, François (16 April 2012). "Wyrok Trybunału w Strasburgu ws. Katynia: Rosja nie wywiązała się ze zobowiązań" [Judgment of the Court in Strasbourg regarding Katyn: Russia does not comply with its obligations] (in Polish). Retrieved 20 April 2012.

• • "Batch of Katyn files handed over to Institute of National Remembrance". Polskie Radio dla Zagranicy.

• • "Dead leaves in the wind: Poland, Russia and history". The Economist. 19 June 2008. Retrieved 4 August 2011.

• • "Russian Court Ordered to Hear Appeal in Katyn Case". The New York Times. 21 April 2010. Retrieved 7 May 2010.

• • "Russia hands over volumes of Katyn massacre case to Poland". RIA Novosti. 9 May 2010. Retrieved 9 May 2010.

• • "HUDOC Search Page". coe.int.

• • "European court rules against Russia on 1940 Katyn massacre". Reuters. 16 April 2012. Retrieved 16 April 2012.

• • "Court makes final ruling on World War Two Katyń massacre complaint". humanrightseurope.org.

• • "IPN launches investigation into Katyn crime". IPN. 2 January 2006. Archived from the original on 19 March 2005. Retrieved 4 August 2011.

• • Fredheim, Rolf (2014). "The Memory of Katyn in Polish Political Discourse: A Quantitative Study". Europe-Asia Studies. **66** (7): 1165–1187. doi:10.1080/09668136.2014.934135.

• • Rezmer, Waldemar; Zbigniew, Karpus; Matvejev, Gennadij (2004). Krasnoarmieitsy v polskom plenu v 1919–1922 g. Sbornik dokumentov i materialov (in Russian). Federal Agency for Russian Archives.

- Sanford, George (2005). Katyn and the Soviet Massacre of 1940: Truth, Justice and Memory. ROUTLEDGE CHAPMAN & HALL. p. 8. ISBN 978-0-415-33873-8. Retrieved 19 May 2011.
- Easton, Adam (4 February 2010). "Russia's Putin invites Tusk to Katyn massacre event". BBC News. Retrieved 19 March 2010.
- Schwirtz, Michael (7 April 2010). "Putin Marks Soviet Massacre of Polish Officers". The New York Times.
- The Moscow Times: "'Katyn' Film Premieres on State TV", 5 April 2010
- "Polish President Lech Kaczyński dies in plane crash". BBC News. BBC. 10 April 2010. Retrieved 10 April 2010.
- Macintyre, Ben (13 April 2010). "In dark times Poland needs the sunlight of truth". The Times. London. Retrieved 22 July 2011.
- PAP (11 April 2010). "Rosyjska telewizja państwowa wieczorem pokaże "Katyń" Wajdy". Gazeta Wyborcza. Archived from the original on 3 October 2012. Retrieved 26 August 2011.
- "Słowa które nie padły". Rzeczpospolita (in Polish). 12 April 2010. Archived from the original on 20 March 2012. Retrieved 4 July 2011.
- View From The Right "The Speech the Polish President was to give at the Katyn Memorial" (12 April 2010)
- "Medvedev promises whole truth behind Katyn massacre". RIA Novosti. 6 December 2010. Retrieved 8 July 2011.
- Mukhin, Yuri (2003). Антироссийская подлость Антироссийская подлость [Anti-Russian Treachery]. Реконструкция эпохи (in Russian). Форум. ISBN 978-5-89747-050-1. Retrieved 8 July 2011.
- Изюмов, Юрий (2005). "Катынь не по Геббельсу." Беседа с Виктором Илюхиным ["Katyn not according to Goebbels." A discussion with Viktor Ilukhin.]. Досье (in Russian) (40). Retrieved 8 July 2011.
- Наталья Вельк (28 April 2010). Коммунисты настаивают: Катынь устроили фашисты [The Communists Insist: Katyn was Perpetrated by the Fascists] (in Russian). Infox.ru. Retrieved 19 April 2012.
- Cienciala, Anna M.; Materski, Wojciech (2007). Katyn: A Crime without Punishment. Yale University Press. pp. 243–245. ISBN 978-0-300-10851-4. Retrieved 16 February 2011.
- Meller, Hugh (10 March 1994). London Cemeteries: An Illustrated Guide and Gazetteer. Scolar Press. p. 139. ISBN 978-0-85967-997-8. Retrieved 14 January 2011.
- "Katyn in the Cold War". Foreign and Commonwealth Office. 11 February 2011. Retrieved 4 August 2011.
- Crozier, Brian (Autumn 2000). "The Katyn Massacre and Beyond". National Observer. Archived from the original on 23 July 2011. Retrieved 4 August 2011.

- Sanford, George (2005). Katyn and the Soviet Massacre of 1940: Truth, Justice and Memory. ROUTLEDGE CHAPMAN & HALL. p. 195. ISBN 978-0-415-33873-8. Retrieved 16 February 2011.

- BBC News: "Katyn remembered at Cannock Chase on 70th anniversary ", 19 May 2010

- "Tadeusz Lesisz: Pole who sailed with the Royal Navy and saw action on". independent.co.uk. 12 October 2009. Retrieved 20 November 2016.

- "Katyń: Otwarcie polskiego cmentarza wojennego". Fakty/PAP (in Polish). 28 July 2000. Archived from the original on 28 September 2011. Retrieved 4 August 2011.

- (in Polish) Jagienka Wilczak, Rdza jak krew: Katyń, Charków, Miednoje, Polityka, 31/2010

- Ascherson, Neal (17 April 2010). "An accident of history". London: The Guardian. Retrieved 29 November 2010.

- Welcome to Roncesvalles Village (10 April 2010). "Roncesvalles Village Commemorates Tragedy in Poland". Roncesvalles Village. Retrieved 6 August 2011.

- dreamstime.com: Erinnerungs-Katyn-Massaker in Wien, Österreich

- "About Katyn Memorial". Department of Arts, Culture, and Heritage in the City of Johannesburg. February 2002. Archived from the original on 23 November 2011. Retrieved 4 July 2011.

- "National Katyn Memorial Foundation Archived 6 March 2008 at the Wayback Machine.". National Katyn Memorial Foundation, 8 October 2005. Retrieved 4 August 2008.

- Virginia H. (16 April 2010). "Polish-American Artist Among Victims of Plane Crash". US Mission Poland. U.S. Embassy in Warsaw and U.S. Consulate in Kraków. Retrieved 4 July 2011.

- Karnoutsos, Carmela. "Exchange Place. Paulus Hook". Jersey City. Past and Present. New Jersey City University. Archived from the original on 14 August 2004. Retrieved 4 July 2011.

- "Wroclaw Statues — Monument to the Victims of the Katyń Massacre". www.wroclaw.ivc.pl. Archived from the original on 21 August 2009. Retrieved 25 February 2011.

- Ebert, Roger (2010). Roger Ebert's Movie Yearbook 2011. Andrews McMeel Publishing. ISBN 978-1-4494-0618-9.

- "Balto. indie gets Emmy nod". Mddailyrecord.com. 22 May 2001. Retrieved 19 March 2010.

- Bolesławska, Beata (translator, Richard J Reisner) (2015). The Life and Works of Andrzej Panufnik (1914–1991). Ashgate Publishing. p. 203. ISBN 978-1-4094-6329-0.

- (in Polish) Kaczmarski, Jacek. "Katyń Archived 15 October 2006 at the Wayback Machine.". kaczmarski.art.pl, 29 August 1985. Retrieved 5 August 2008.

- "WWII Behind Closed Doors: Stalin, the Nazis and the West | Clip #1 | PBS". Youtube.com. 25 April 2009. Retrieved 29 November 2010.

- Rees, Laurence (2010). World War II Behind Closed Doors: Stalin, the Nazis and the West. Random House. p. 5. ISBN 978-0-307-38962-6.

· Jakubowska, Justyna (2007). "Prezydenci Polski i Gruzji odsłonili pomnik gruzińskich oficerów w Wojsku Polskim". kaukaz.pl (in Polish). Retrieved 22 November 2007.

· Berkhoff, Karel Cornelis (2004). Harvest of Despair. Harvard University Press via Google Books. p. 14. ISBN 0674020782. Retrieved 2013-12-30.

· · Piotrowski, Tadeusz (1998). Poland's Holocaust (Google Books preview). Jefferson: McFarland. ISBN 0-7864-0371-3. McFarland, 2007 reprint, (Google Books search inside). ISBN 0786429135.

· · Robert Gellately. Lenin, Stalin, and Hitler: The Age of Social Catastrophe. Knopf, 2007 ISBN 1-4000-4005-1 p. 391

· · "Никита Васильевич Петров. История империи "Гулаг"" [History of the "Gulag" Empire]. Chapter 9. Pseudology.org. Retrieved 2013-12-30.

· · Richard Rhodes (2002). Masters of Death: The SS-Einsatzgruppen and the Invention of the Holocaust. New York: Alfred A. Knopf. ISBN 0-375-40900-9. Barbarossa surprised the NKVD, whose jails and prisons in the annexed territories (despite earlier deportations) were crowded with political prisoners. Rather than releasing their prisoners as they hurriedly retreated during the first week of the war, the Soviet secret police killed most of them execution style. In the first week of Barbarossa NKVD prisoner executions totaled some ten thousand in western Ukraine and more than nine thousand in Vinnytsia, eastward toward Kiev. Comparable numbers of prisoners were executed in eastern Poland, Byelorussia, Lithuania, Latvia, and Estonia. The Soviet areas had already sustained losses numbering in the hundreds of thousands from the Stalinist purges of 1937-38.

· · Nagorski, Andrew. The Greatest Battle. Google Books. p. 84. Retrieved 2013-12-30.

· · Edige Kirimal, "Complete Destruction of National Groups as Groups - The Crimean Turks", from Genocide in the USSR: Studies in Group Destruction (1958), published by the Institute for the Study of the USSR in Munich.

· · Militargeschichtliches Forschungsamt (corporate author); Gottfried Schramm; Jan T. Gross; Manfred Zeidler; et al. (1997). Bernd Wegner, ed. From Peace to War: Germany, Soviet Russia and the World, 1939-1941. Berghahn Books. pp. 47–79. ISBN 1-57181-882-0.

· · (in Polish) Encyklopedia PWN, Zbrodnie Sowickie W Polsce Archived 2006-05-21 at the Wayback Machine.: After the outbreak of the German-Soviet war, in June 1941, thousands of prisoners have been murdered in mass executions in prisons (among others in Lviv and Berezwecz) and during the evacuation (so-called death marches)

· · "Blutige Ouvertüre". Zeit.de. June 21, 2001. Retrieved 2013-12-30.

· · "German Soldiers Write from the Soviet Union". Calvin.edu. Retrieved 2013-12-30.

· · "During World War II and Afterwards". JewishGen.org. Retrieved 2013-12-30.

· · "Politinių kalinių žudynės Červenėje" (PDF). Atmintinos datos (in Lithuanian). Lietuvos gyventojų genocido ir rezistencijos tyrimo centras. 17 June 2011. Retrieved 19 August 2018.

· · (in Polish) Encyklopedia PWN, BEREZWECZ Archived 2006-05-15 at the Wayback Machine.

- ^ Gałkiewicz, Anna (2001). "Informacja o śledztwach prowadzonych w OKŚZpNP w Łodzi w sprawach o zbrodnie popełnione przez funkcjonariuszy sowieckiego aparatu terroru". Biuletyn Instytut Pamięci Narodowej / IPN (in Polish) (7 - August 2001). pp. 20ff. Retrieved 1 August 2016.

- ^ Julian Siedlecki (1990). Losy Polaków w ZSRR w latach 1939-1986 (in Polish). Edward Raczyński (3 ed.). London: Gryf Publications. p. 59. as cited in: Tadeusz Krahel. "Zginęli w końcu czerwca 1941 roku". Czas Miłosierdzia. Retrieved 2006-06-02.

- ^ Steenie Harvey, "The Dark Side of Tartu", at ExpatExchange.com

- ^ Bolesław Paszkowski (2005), Golgota Wschodu (The Eastern Golgotha). Archived 2006-05-27 at the Wayback Machine. (in Polish)

- ^ Paul, Allen. Katyn: Stalin's Massacre and the Seeds of Polish Resurrection. Naval Institute Press, 1996. ISBN 1-55750-670-1 p. 155

- ^ Snyder, Timothy. Bloodlands: Europe Between Hitler and Stalin. Basic Books, 2010. ISBN 0-465-00239-0 p. 194

- ^ Nagorski, Andrew. The Greatest Battle. Google Books. p. 83. Retrieved 2013-12-30.

- ^ "Lviv museum recounts Soviet massacres", Natalia A. Feduschak. CDVR. 2010. Retrieved 6 feb 2017

- ^ Helena Kowalik (November 2004). "Jaki znak twój?". Przegląd (in Polish). 47/2004 (2004–11–15).

- ^ Тимофеев В. Г. Уголовно-исполнительная система России: цифры, факты и события. Учебное пособие. — Чебоксары, 1999

- ^ William H. Honan (12 August 1992), A Playwright Applies His Craft To Czar Nicholas II's Last Days, New York Times, retrieved 25 February 2017

- ^ Massie, Robert K. (2012). The Romanovs: The Final Chapter. Random House. pp. 3–24.

- ^ Rappaport, p. 198.

- ^ Clifford J. Levy (25 November 2007), Sleuths say they've found the last Romanovs, The New York Times, retrieved 30 September 2016

- ^ Sokolov, Nikolai A. Ubiistvo Tsarskoi Sem'i. Terra, Moscow (Reprinted 1996)

- ^ Pringle, p. 261.

- ^ Wendy Slater, p. 153.

- ^ From the archive, 22 July 1918: Ex-tsar Nicholas II executed, The Guardian, 22 July 2015, retrieved 29 September 2016

- ^ Joshua Hammer (November 2010), Resurrecting the Czar, Smithsonian, retrieved 29 September 2016

- ^ Massie, p. 16.

- ^ Rappaport, p. 218.

· · Photographic scans of Sokolov's investigation, published in 1924, 18 December 2015, retrieved 9 March 2017

· · Massie, p. 19.

· · Erin Blakemore (18 October 2018), Why the Romanov Family's Fate Was a Secret Until the Fall of the Soviet Union, History, retrieved 20 October 2018

· · Rappaport, p. 219.

· · Michael D. Coble (26 September 2011), The identification of the Romanovs: Can we (finally) put the controversies to rest?, Investigative Genetics, retrieved 30 September 2016

· · Rappaport, p. 220.

· · The mystery of the Romanovs' untimely demise - Page 4, Russia Beyond the Headlines, retrieved 15 January 2017

· · "Romanovs laid to rest". BBC News. 17 July 1998.

· · Alec Luhn (23 September 2015), Russia reopens criminal case on 1918 Romanov royal family murders, The Guardian, retrieved 30 September 2016

· · Rappaport, Four Sisters (2014), p. 381.

· · Robert Gellately. Lenin, Stalin, and Hitler: The Age of Social Catastrophe Knopf, 2007 ISBN 1-4000-4005-1 p. 65.

· · Figes, Orlando (1997). A People's Tragedy: The Russian Revolution 1891–1924. Penguin Books. p. 638. ISBN 0-19-822862-7.

· · King, G. (1999). The Last Empress, Replica Books, p. 358. ISBN 0735101043.

· · The Daily Telegraph (17 January 2011). "No proof Lenin ordered last Tsar's murder".

· · "Расследование убийства Николая II и его семьи, продолжавшееся 18 лет, объявлено завершенным" (in Russian). НТВ-новости. Archived from the original on 11 February 2013. Retrieved 29 December 2012.

· · ""Уголовное дело цесаревича Алексея". На вопросы обозревателя "Известий" Татьяны Батенёвой ответил следователь по особо важным делам Следственного комитета Российской Федерации Владимир Соловьёв". 17 January 2011.

· · Интервью следователя Соловьёв, Владимир Николаевич (следователь) – В. Н. Соловьёва и Аннинский, Лев Александрович – Л. А. Аннинского (2008). Расстрельный дом (in Russian). Archived from the original on 1 May 2015.

· · Rappaport, p. 142.

· · The Associated Press (18 July 1998), Address by Yeltsin: 'We Are All Guilty', The New York Times, retrieved 3 April 2017

· · Martin Vennard (27 June 2012), Tsar Nicholas - exhibits from an execution, BBC News, retrieved 3 April 2017

· · Tames, p. 56.

- ^ *Tames, p. 62.*
- ^ *Rappaport, p. 22.*
- ^ *Rappaport, Four Sisters (2014), p. 371.*
- ^ *Rappaport, p. 20.*
- ^ *Rappaport, p. 23.*
- ^ *Rappaport, p. 102.*
- ^ *Rappaport, p. 31.*
- ^ *Rappaport, Four Sisters (2014), p. 372.*
- ^ *Massie, p. 283.*
- ^ *King, G., and Wilson, P., p. 127.*
- ^ *Rappaport, p. 27.*
- ^ *Radzinsky, p. 383.*
- ^ *John Browne, Hidden Account of the Romanovs, p. 471.*
- ^ *Massie, p. 278.*
- ^ *Rappaport, p. 16.*
- ^ *Massie, p. 289.*
- ^ *Rappaport, p. 17.*
- ^ *Rappaport, pp. 118–119.*
- ^ *Rappaport, pp. 17–18.*
- ^ *Rappaport, p. 29.*
- ^ *Rappaport, p. 21.*
- ^ *Rappaport, p. 25.*
- ^ *Rappaport, p. 24.*
- ^ *Rappaport, p. 34.*
- ^ *Rappaport, Four Sisters (2014), p. 377.*
- ^ *Rappaport, Four Sisters (2014), p. xv.*
- ^ *Rappaport, Four Sisters (2014), p. xiv.*
- ^ *Rappaport, p. 157.*
- ^ *Rappaport, p. 159.*

- ^ *Rappaport, p. 160.*
- ^ *Rappaport, p. 171.*
- ^ *Rappaport, p. 97.*
- ^ *Rappaport, p. 140.*
- ^ *Rappaport, pp. 86–87.*
- ^ *Bullock, David (2012) The Czech Legion 1914–20, Osprey Publishing ISBN 1780964587*
- ^ *Rappaport, p. 130.*
- ^ *Rappaport, p. 125.*
- ^ *Slater, p. 53.*
- ^ *Rappaport, p. 120.*
- ^ *Rappaport, p. 144.*
- ^ *Rappaport, p. 132.*
- ^ *Rappaport, p. 134.*
- ^ *Rappaport, pp. 34–35.*
- ^ *Rappaport, p. 117.*
- ^ *Rappaport, Four Sisters (2014), p. 378.*
- ^ *Rappaport, p. 141.*
- ^ *Rappaport, p. 201.*
- ^ *Rappaport, p. 167.*
- ^ *Rappaport, p. 168.*
- ^ *Rappaport, p. 186.*
- ^ *Rappaport, p. 176.*
- ^ *Rappaport, p. 178.*
- ^ *Rappaport, pp. 178–179.*
- ^ *Rappaport, p. 180.*
- ^ *Rappaport, p. 181.*
- ^ *Montefiore, p. 644.*
- ^ *Rappaport, p. 182.*
- ^ *Rappaport, pp. 175–176.*

- - Rappaport, pp. 179–180.
- - Massie (2012). The Romanovs: The Final Chapter. pp. 3–24.
- - Massie (2012). The Romanovs: The Final Chapter. p. 4.
- - Slater, p. 5.
- - William Clarke (2003). The Lost Fortune of the Tsars. St. Martin's Press. p. 66.
- - 100 великих казней, М., Вече, 1999, p. 439 ISBN 5-7838-0424-X
- - Montefiore, p. 645.
- - Rappaport, p. 193.
- - Rappaport, pp. 189–190.
- - Greg King; Penny Wilson (6 July 2014). The Fate of the Romanovs. Lulu.com. p. 357. ISBN 978-1-312-33381-9.
- - Rappaport, p. 191.
- - Massie, p. 8.
- - King, G., and Wilson, P., The Fate of the Romonovs, p. 303.
- - Massie, p. 6.
- - Radzinsky (1992), pp. 380–393.
- - Rappaport, p. 194.
- - Jeffrey A. Frank (19 July 1992), RELIVING A MASSACRE, The Washington Post, retrieved 2 October 2016
- - Slater, p. 8.
- - Rappaport, p. 192.
- - Rappaport, p. 214.
- - Kate Baklitskaya, Go East (21 January 2014), Royal dog fled from Siberia into British exile, living in shadow of Windsor Castle, The Siberian Times, retrieved 13 March 2017
- - Excerpt of Sokolov's investigation, retrieved 9 March 2017
- - Из архива сэра Чарльза Элиота, 18 December 2015, retrieved 9 March 2017
- - Rappaport, p. 195.
- - Rappaport, p. 200.
- - Rappaport, p. 208.
- - Rappaport, p. 196.
- - Rappaport, p. 197.

- Slater, p. 9.
- Slater, p. 10.
- Montefiore, p. 639.
- Rappaport, p. 199.
- Rappaport, p. 203.
- Rappaport, p. 202.
- Rappaport, p. 204.
- Massie, p. 26.
- Slater, pp. 13–14.
- Rappaport, p. 205.
- Massie, p. 27.
- Luke Harding (25 August 2007). "Bones found by Russian builder finally solve riddle of the missing Romanovs". The Guardian. Retrieved 13 March 2017.
- Rappaport, Four Sisters (2014), p. 379.
- Massie, p. 124.
- Massie, p. 10.
- Massie, p. 39.
- Massie, p. 123.
- Rappaport, p. 212.
- Alla Astanina (18 April 2015), Nikolai Sokolov: The man who revealed the story of the Romanov killings, Russia Beyond the Headlines, retrieved 10 March 2017
- Remnick, Reporting: Writings from the New Yorker, p. 222.
- Eve M. Kahn (3 April 2014), Treasures and Trivia of the Romanov Era, New York Times, retrieved 30 March 2017
- Sokolov, p. 12
- Slater, p. 45.
- Massie, p. 30.
- Massie, p. 31.
- Russia dig finds 'tsar's family', BBC News, 24 August 2007, retrieved 13 March 2017
- Anna Malpas, 100 years on, debate rolls on over Russia's last tsar, Yahoo News, retrieved 13 March 2017

- Radzinsky, p. 397.
- Rappaport, p. 215.
- Paul Gilbert (18 July 2014), Communists Lay Flowers at the Grave of the Murderer of Russia's Imperial Family, Royal Russia News, retrieved 1 October 2016
- Plotnikov, Ivan (2003). О команде убийц царской семьи и ее национальном составе Журнальный зал, No. 9 (in Russian)
- Rappaport, p. 127.
- Rappaport, p. 216.
- Radzinsky, p. 430.
- Massie, p. 28.
- Rappaport, p. 137.
- Rappaport, p. 139.
- The French Revolution and the Russian Anti-Democratic Tradition: A Case of False Consciousness (1997). Dmitry Shlapentokh. Transaction Publishers. ISBN 1-56000-244-1. p. 266.
- The Speckled Domes (1925). Gerard Shelley. p. 220.
- Rappaport, p. 206.
- Rappaport, p. 207.
- Steinberg, Mark D.; Khrustalëv, Vladimir M.; Tucker, Elizabeth (1995). The Fall of the Romanovs. Yale University Press. ISBN 0-300-07067-5.
- King & Wilson, Epilogue section.
- Massie, p. 251.
- Rappaport, p. 213.
- "Murder of the Imperial Family – Yurovsky Note 1922 English". Alexander Palace. Retrieved 21 November 2015.
- Massie, pp. 32–35.
- Massie, pp. 40 ff.
- Покаяние. Материалы правительственной комиссии по изучению вопросов, связанных с исследованием и перезахоронением останков Российского Императора Николая II и членов его семьи (Repentance. Proceedings of the government commission to study issues related to the study and reburial of the remains of the Russian Emperor Nicholas II and his family) ISBN 5-87468-039-X

- - *Gill, P; Ivanov, PL; Kimpton, C; Piercy, R; Benson, N; Tully, G; Evett, I; Hagelberg, E; Sullivan, K (1994). "Identification of the remains of the Romanov family by DNA analysis". Nature Genetics. **6** (2): 130–5. doi:10.1038/ng0294-130. PMID 8162066.*

- - *The Last Tsar, Russian Archives Online, retrieved 15 April 2017*

- - *Rappaport, p. 221.*

- - *Coble, Michael D.; et al. (2009). "Mystery solved: the identification of the two missing Romanov children using DNA analysis". PLOS ONE. **4** (3): e4838. doi:10.1371/journal.pone.0004838. PMC 2652717. PMID 19277206.*

- - *"Nicholas II And Family Canonized For 'Passion'". New York Times. 15 August 2000. Retrieved 10 December 2008.*

- - *BBCNews (1 October 2008). Russia's last tsar rehabilitated. Retrieved on 1 October 2008.*

- - *Blomfield, Adrian (1 October 2008). Russia exonerates Tsar Nicholas II The Telegraph.*

- - *"Russia: Inquiry Into Czar's Killing Is Reopened". The New York Times. 27 August 2010.*

- - *"Russia readies to exhume Tsar Alexander III in Romanov probe". AFP.com. Agence France-Presse. 3 November 2015.*

- - *"Russia exhumes bones of murdered Tsar Nicholas and wife". BBC News. BBC. 24 September 2015. Retrieved 28 June 2018.*

- - *Porter, Tom (13 November 2015). "New DNA tests establish remains of Tsar Nicholas II and wife are authentic".*

- - *Editorial, Reuters. "Russia says DNA tests confirm remains of country's last tsar are..."*

- - *"DNA Testing Verifies Bones of Russia's Last Tsar".*

- - *Romanov murders: Poll reveals near 60% of Russians see Czar's family homicide as atrocity, Russian News Agency TASS, 16 July 2018, retrieved 22 July 2018*

- - *100,000 Pilgrims March in Memory of the Romanovs on the Centenary of Their Execution, The Moscow Times, 17 July 2018, retrieved 22 July 2018*

- *On Centenary, Russian State and Orthodox Church at Odds Over Romanovs, The Moscow Times, 18 July 2018, retrieved 22 July 2018*

- Natalja Decker: *Wladimir Michajlowitsch Bechterew*, in: Wolfgang U. Eckart und Christoph Gradmann (Hrsg.): *Ärztelexikon. Von der Antike bis zum 20. Jahrhundert*, 3. Aufl. 2006 Springer Verlag Heidelberg, Berlin, New York S. 35–36. doi:10.1007/978-3-540-29585-3.

- - Юридическая психология в лицах: Владимир Михайлович Бехтерев (abgerufen am 9. September 2018).

- - Donald Rayfield: *Stalin und seine Henker*. Blessing Verlag, München 2004, ISBN 3-89667-181-2, S. 198 f.

- *V. M. Bechterew-Goldmedaille.* russisch Золотая медаль имени В.М. Бехтерева. Russische Akademie der Wissenschaften, abgerufen am 1. Mai 2018 (russisch, mit Liste der Preisträger).

- *Vyzhutovich, Valeri (3 November 2011). Когда болит душа [When the soul hurts]. Rossiyskaya Gazeta [Russian Newspaper] (in Russian). Week number 5624 (248). Archived from the original on 2 November 2011.*

- • *Smulevich, Anatoly; Morozov, Pyotr (2014). "Психиатрию нельзя выдумать из головы или из учебников" [Psychiatry cannot be invented in mind or textbooks] (PDF). Дневник психиатра [The Psychiatrist's Diary] (in Russian) (1). pp. 1–4. Archived (PDF) from the original on 28 April 2014.*

- • *Nuller, Yuri (2008). Структура психических расстройств [The Structure of Mental Disorders] (PDF) (in Russian). Kyiv: Сфера. pp. 17–18. ISBN 966-8782-44-5.*

- • *Probes, Lawrence; Kouznetsov, Vladimir; Verbitski, Vladimir; Molodyi, Vadim (June 1992). "Trends in Soviet and Post-Soviet Psychiatry" (PDF). The PSR Quarterly. **2** (2): 67–76. ISSN 1051-2438.*

- • *Korolenko, Caesar; Kensin, Dennis (2002). "Reflections on the past and present state of Russian psychiatry". Anthropology & Medicine. **9** (1): 51–64. doi:10.1080/13648470220130017.*

- • *Gluzman, Semyon (2013). Снежневский [Snezhnevsky]. Вестник Ассоциации психиатров Украины [The Herald of the Ukrainian Psychiatric Association] (in Russian). The Ukrainian Psychiatric Association (6): 79–80.*

- • *Bloch, Sidney; Reddaway, Peter (1977). Russia's political hospitals: The abuse of psychiatry in the Soviet Union. Victor Gollancz Ltd. ISBN 0-575-02318-X.*

- • *Bloch, Sidney; Reddaway, Peter (1985). Soviet psychiatric abuse: The shadow over world psychiatry. Westview Press. ISBN 0-8133-0209-9.*

- • *Reich, Walter (30 January 1983). "The world of Soviet psychiatry". The New York Times. Retrieved 1 January 2011.*

- • *Stone, Alan (1985). Law, Psychiatry, and Morality: Essays and Analysis. American Psychiatric Pub. p. 11. ISBN 0-88048-209-5.*

- • *Brintlinger, Angela; Vinitsky, Ilya (2007). Madness and the mad in Russian culture. University of Toronto Press. p. 92. ISBN 0-8020-9140-7.*

- • *Wolansky, Oleh (27 February 1983). "The World of Soviet Psychiatry". The New York Times Magazine.*

- • *Healey, Dan (June 2011). "Book Review: Robert van Voren, Cold War in Psychiatry". History of Psychiatry. **22** (2): 246–247. doi:10.1177/0957154X110220020802.*

- *Adler, Nancy; Gluzman, Semyon (December 1993). "Soviet special psychiatric hospitals. Where the system was criminal and the inmates were sane". The British Journal of Psychiatry. **163** (6): 713–720. doi:10.1192/bjp.163.6.713. PMID 8306112.*

- *Calloway, Paul (1993). Russian/Soviet and Western psychiatry: a contemporary comparative study. Wiley. p. 223. ISBN 0-471-59574-8.*

- *Levine, Sidney (May 1981). "The Special Committee on the Political Abuse of Psychiatry" (PDF). Psychiatric Bulletin. **5** (5): 94–95. doi:10.1192/pb.5.5.94. Retrieved 3 March 2011.*

- *Tandon, Rajiv; Greden, John F. (1991). Negative schizophrenic symptoms: pathophysiology and clinical implications. Washington, DC: American Psychiatric Press. ISBN 0-88048-192-7.*

- *Mosolov, S.N. (2006). "Спорные и малоизученные вопросы практического использования антипсихотической фармакотерапии у больных шизофренией (анализ результатов интерактивного опроса врачей) [Controversial and poorly understood issues of the practical use of antipsychotic drug therapy in patients with schizophrenia (analysis of the results of the online survey of physicians)]". Современная терапия психических расстройств [Modern treatment of mental disorders] (1).*

- Snezhnevsky AV. The symptomatology, clinical forms and nosology of schizophrenia, in Modern perspectives in World Psychiatry. Edited by Howells JG. Edinburgh, Oliver and Boyd, 1968, pp 425–447

- *Szasz, Thomas (2 January 1978). "Soviet psychiatry: its supporters in the West". Inquiry: 4–5.*

- *"Андрей Владимирович Снежневский – 100-летний юбилей" [Andrei Vladimirovich Snezhnevsky – Centenary]. Nezavisimiy Psikhiatricheskiy Zhurnal. Independent Psychiatric Association of Russia. **1**. 2004.*

- *Polubinskaya, Svetlana (January 2000). "Reform in psychiatry in post-Soviet countries". Acta Psychiatrica Scandinavica. **101** (399): 106–108. doi:10.1111/j.0902-4441.2000.007s020[dash]24.x. PMID 10794040.* Russian text: *Polubinskaya, Svetlana (2013). От Союза ССР — к независимым государствам: Какой будет бывшая советская психиатрия? [From the Union of Soviet Socialist Republics to independent countries: what will be the former Soviet psychiatry?]. Вестник Ассоциации психиатров Украины [The Herald of the Association of Psychiatrists of Ukraine] (in Russian). Ассоциация психиатров Украины [The Association of Psychiatrists of Ukraine] (2).*

- *Buyanov, Mikhail (1993). Между Богом и дьяволом [Between God and devil] (in Russian). Moscow: Российское общество медиков-литераторов [Russian Society of Medical Literary Men]. p. 132.* See in Russian: "Снежневский ничего не открыл; все, за что он брался — запутывал, найти ничего не смог".

- *Danilin, Alexander (28 March 2008). Тупик [Deadlock]. Russkaya Zhizn (in Russian). Retrieved 21 April 2011.*

- *Orlov, Yuri (1991). Dangerous Thoughts. Memoirs of a Russian Life. William Morrow. p. 184. ISBN 0688104711.* Russian text: *Orlov, Yuri (1992). Опасные мысли: Мемуары из рус. жизни [Dangerous Thoughts. Memoirs of a Russian Life] (in Russian). Moscow: Argumenty i Fakty. p. 182. ISBN 585272002X.*

- *Abuse of psychiatry in the Soviet Union: hearing before the Subcommittee on Human Rights and International Organizations of the Committee on Foreign Affairs and the Commission on Security and Cooperation in Europe, House of Representatives, Ninety-eighth Congress, first session, September 20, 1983. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office. 1984. p. 74.*

- *Munro, Robin (2002). "On the Psychiatric Abuse of Falun Gong and Other Dissenters in China: A Reply to Stone, Hickling, Kleinman, and Lee" (PDF). The Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law. **30** (2): 266–274. PMID 12108564.*

- *Stone, Alan (2002). "Psychiatrists on the side of the angels: the Falun Gong and Soviet Jewry" (PDF). The Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law. **30** (1): 107–111. PMID 11931357.*

- *Lavretsky, Helen (1998). "The Russian Concept of Schizophrenia: A Review of the Literature" (PDF). Schizophrenia Bulletin. **24** (4): 537–557. doi:10.1093/oxfordjournals.schbul.a033348. PMID 9853788.*

- *"Снежневский Андрей Владимирович [Snezhnevsky Andrei Vladimirovich]" (in Russian). Проект "Герои страны" [The project "Heroes of the country"]. Retrieved 2 February 2014.*

- *Доктор Пи" запомнил 30 млн. цифр, чтобы вернуть близкого человека [Doctor Pi memorized 30 billion numbers to make his crony come back]. Segodnya (in Russian). 14 March 2009.*

Collection of biographical materials in chrono library (in Russian)

- See Albert S. Lindemann. *Esau's Tears: Modern Anti-Semitism and the Rise of the Jews*, Cambridge University Press, 1997; pg. 430.

- See Chapter XVII of Leon Trotsky's 'My Life' Archived March 5, 2006, at the Wayback Machine.

- Nadezhda A. Joffe, *Back in Time: My Life, My Fate, My Epoch: The Memoirs of Nadezhda A. Joffe.* Frederick S. Choate, trans. Oak Park, MI: Labor Publications, 1995; pg. 3.

- Quoted in Arno J. Mayer. *Political Origins of the New Diplomacy, 1917-1918*, Yale Historical Publications, Studies 18, 1959. Reprinted as *Wilson vs. Lenin: Political Origins of the New Diplomacy, 1917-1918*, Cleveland, World Pub. Co., 1964; pg. ???

• • Czernin von und zu Chudenitz, Ottokar Theobald Otto Maria (1920). *In the World War*. New York and London: Harper & Brothers. *Internet Archive*. Retrieved 28 Feb. 2009. https://archive.org/stream/inworldwar00czer/inworldwar00czer_djvu.txt

• • A.A. Ioffe (V. Krymskii), *Genuezskaia Konferentsiia* (The Genoa Conference). Moscow: Krasnaia Nov', 1922.

• • See *A Brief Chronology of China Since 1915* in K. S. Karol's *China. The Other Communism*, New York, Hill and Wang, 1967, ISBN 0-8090-1344-4 (1968 pbk)

• • For a Trotskyist perspective on the impact of Joffe's visit on the Japanese Communist Party, see *The Meiji Restoration: A Bourgeois Non-Democratic Revolution* published in *Spartacist*, English edition, No. 58 for 2004.

• Joffe, p. 65

• Yoshihiro Ishikawa, *The Formation of the Chinese Communist Party*. Columbia University Press, 2013

• • Frank L. Britton *Behind Communism*. University of Michigan, 1952

• [1]| Biography (in Russian)

http://www.scientific-socialism.de/MCAntonovOvseienkoCAP1.html

• George Leggett, *The Cheka: Lenin's Political Police.* Oxford, England: Oxford University Press/Clarendon Press, 1981; página. 446.

• • *Znamensk, Andrei (2011). "Red Shambhala: Magic, Prophecy, and Geopolitics in the Heart of Asia". [S.l.]: Quest Books. p. 76-77. ISBN 978-0-8356-0891-6. Consultado em 18 dezembro 2014*

• • *Applebaum, Anne (2003). "Gulag: A History" (em inglês). London: Penguin Books. p. 57. ISBN 978-0-14-028310-5*

• • N.V. Petrov and K.V. Skorkin, *Кто руководил НКВД, 1934-1941: Справочник* (Who Directed the NKVD, 1934-1941: Guidebook). Moscow: Zven'ia, 1999; pg. 114.

• V. Brychkina, "G.I. Bokii," In *Geroi Oktiabria* (Heroes of October), vol. 1. Leningrad, 1967.

• *Garthoff, Raymond L. (1994). The Great Transition: American-Soviet Relations and the End of the Cold War. Washington, DC: Brookings Institution. p. 461, n30. ISBN 0-8157-3060-8.*

• • Compare: *"Kaganovich, Lazar Moiseyevich". Jewish Virtual Library. The American-Israeli Cooperative Enterprise. 2013. Retrieved 2016-05-23. Born in Kiev province, Kaganovich joined the Communist Party in 1911 [...]. [...] For a number of years he was the only Jew to occupy a top position in the Soviet leadership.*

• • *Rees, E. A. (2013-10-15). Iron Lazar: A Political Biography of Lazar Kaganovich. Anthem Press. ISBN 9781783080571.*

• • Rees, Edward Afron. 1994. Stalinism and Soviet Rail Transport, 1928–41. Birmingham: Palgrave Macmillan [1]

• • *Lemkin, Raphael (2009). "Soviet Genocide in the Ukraine (reprint of 1951 article)". Holodomor: Reflections on the Great Famine of 1932–1933 in Soviet Ukraine. Kingston: Kashtan Press.*

• • Ukraine court finds Bolsheviks guilty of Holodomor genocide, RIA Novosti (13 January 2010)
Yushchenko Praises Guilty Verdict Against Soviet Leaders For Famine, Radio Free Europe/Radio Liberty (14 January 2010)

• • The Kiev Court of Appeals named the organizers of Holodomor. by Ya.Muzychenko (in Ukrainian)

• • *"Сталинские списки". stalin.memo.ru.*

• • http://www.hrono.ru/biograf/kaganov_m.html *citing* K. A. Zalesskiy, *Stalin's Empire*

• • *Simon Sebag Montefiore. Stalin: The Court of the Red Tsar. p. 210.*

• • Sebag Montefiore, Simon (2004). *The Court of the Red Tsar.* Phoenix. "Postscript"

• • Sebag Montefiore, Simon (2004). *The Court of the Red Tsar.* Phoenix. p. 668

• • *editors (1 July 2016). "12 July 1984".*

• • Kahan, Stuart. *The Wolf of the Kremlin: The First Biography of L.M. Kaganovich, the Soviet Union's Architect of Fear* (William Morrow & Co, 1987)

• • See:

- *Life* – July 14, 1941. p. 19: "A sister Rosa first lived with Stalin, then after the suicide of his second wife is supposed to have married Stalin"
- *Life* – March 29, 1943. p. 40: "His sister Rosa is supposedly married to Stalin"[2]
- *Time* – April 18, 1949: "Lazar Kaganovich, who is Stalin's brother-in-law"
- *Time* – July 23, 1951: "Lazar Kaganovich, long time politburo member and Stalin's brother-in-law"
- *Life* – March 16, 1953. p. 22: "Kaganovich, the brilliant and energetic Jew, Stalin's brother-in-law"
- *Life* – April 13, 1953. p. 168: "Kaganovich (a member of the Politburo and brother of Stalin's third wife)"
- *Time* – September 7, 1953: "Lazar Kaganovich (Stalin's brother-in-law)"
- *The New York Times* – November 22, 1953 Kaganovich Decorated: Malenkov's Regime Gives High Honor to Stalin's Brother-in-Law
- *Time* – February 7, 1955 – "Lazar M. Kaganovich, wartime commissar for transport, reputedly Stalin's brother-in-law"
- *Youngstown Vindicator* – March 7, 1953: "Rosa Kaganovich"
- *Milwaukee Sentinel* – June 11, 1960: "Rosa Kaganovich"
- *The New York Times* – July 27, 1991: "Kaganovich's sister, Rosa"

• • *Face of a Victim* is the autobiography of Elizabeth Lermolo, a woman who fled Russia, arriving in the US in 1950. The book tells the story of the death of Stalin's second wife Nadezhda (Nadya) as witnessed by Natalia Trushina, who was employed as a housekeeper in Stalin's home, and who in 1937, Elizabeth Lermolo shared an NKVD prison cell with. Rosa (Roza) Kaganovich, with whom Stalin was having an affair, was whom Stalin and his wife were arguing about before she died. This book alleges Stalin struck Nadya a fatal blow with his revolver.[3][4] Robert Payne mentioned Rosa in a 1965 biography of Stalin, where he said: "At such parties he was always inclined to drink dangerously. Something said by Nadezhda – it may have been about another woman, Rosa Kaganovich, who was also present, or about the expropriations in the villages which were dooming the peasants to famine - reduced Stalin to a state of imbecile rage. In front of her friends he poured out a torrent of abuse and obscenity. He was a master of the art of cursing, with an astonishing range of vile phrases and that peculiarly." (*The Rise and Fall of Stalin*, p. 410)[5] Harford Montgomery Hyde also wrote about Rosa in his 1982 biography of Stalin: "However, it has been established that after the birth of their second child Svetlana, Stalin ceased to share his wife's bed and moved into a small bedroom beside the dining room of the Kremlin apartment. It has also been stated that, after the Georgian singer's departure for Afghanistan, the woman who was the chief cause of their difference was another dark-eyed beauty, the brunette Rosa Kaganovich, sister of the commissar Lazar, with whom Molotov had previously had an affair. At all events, by 1931 Nadya was thoroughly disillusioned with her husband and most unhappy." (Stalin: The History of a Dictator, p. 260)[6]

• • "RUSSIA: Stalin's Omelette" *Time* October 24, 1932

• • *Vuolo, Mike (2013-12-30). "Let's Resolve in the New Year to Stop Using That Expression About Breaking Eggs and Making Omelets". Slate. ISSN 1091-2339. Retrieved 2016-03-23.*

• • "Social Notes" *Time* July 23, 1951

• *Alliluyeva, Svetlana (1969). Only One Year. Harper & Row. p. 382.*

• Судоплатов П.А. *Спецоперации. Лубянка и Кремль 1930–1950 годы*. — М.: ОЛМА-ПРЕСС, 1997.(in Russian)

• • David Stout. Pavel Sudoplatov, 89, Dies; Top Soviet Spy Who Accused Oppenheimer. *The New York Times*, September 28, 1996.

• • Sudoplatov, Pavel, Anatoliĭ Pavlovich Sudoplatov, Jerrold L. Schecter, and Leona Schecter. Special Tasks: The Memoirs of an Unwanted Witness, a Soviet Spymaster. Boston: Little, Brown, 1994.

• • Trahair, R. C. S. *Encyclopedia of Cold War Espionage, Spies, and Secret Operations*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 2004, pp. 392–393.

• • Christopher Andrew, Vasili Mitrokhin. *The Sword and the Shield: The Mitrokhin Archive and the Secret History of the KGB.* Basic Books (1999) ISBN 0-465-00312-5 p. 86

• • *"Archives show Stalin was ready to give Hitler Ukraine and the Baltics - EUROMAIDAN PRESS". Euromaidanpress.com. 20 June 2016. Retrieved 29 October 2018.*

- Atomic Spies?: The Implosion of the Sudoplatov Charges. *Journal of the Federation of American Scientists*, Volume 47, No 3, May/June 1994. Archived April 27, 2014, at the Wayback Machine.

- McMillan, P. J. Flimsy memoirs. *The Bulletin of the Atomic Scientists*, 1994, July–August, p.30-33.

- Leskov, Sergei. An unreliable witness. *The Bulletin of the Atomic Scientists*, 1994, July–August, p.33-36

- William J. Broad. F.B.I. Rejects An Account Of Treason. *The New York Times*, 3 May 1995.

- Vadim J. Birstein. *The Perversion Of Knowledge: The True Story of Soviet Science.* Westview Press, 2004. ISBN 0-8133-4280-5

- Time Magazine, April 25, 1994. Time magazine's managing editor James R. Gaines expressed regrets over his decision to publish nine-page excerpt from Sudoplatov's book on 25 April 1994 without consulting experts (Washington Post, 2 May 1995).

- Mac-Neil/Lehrer News Hour, April 18, 1994.

- Vladislav Zubok. Atomic espionage and its soviet "witnesses". *Cold War International History Project Bulletin*, 4 (Fall 1994), p. 50-53.

- Thomas Powers. Were the Atomic Scientists Spies? *The New York Review of Books*, June 9, 1994.

1. https://i-podmoskovie.ru/php/podmoskovnii-letopisets/articles/2355-tsareubijtsa.html (Василий Васильевич Панченков. 11.03.2015. Цареубийца)
2. Запись беседы с Г.П. Никулиным о расстреле царской семьи, сделанная в Радиокомитете по распоряжению ЦК КПСС в 1964 году - РГАСПИ. Ф. 588. Оп. 3с. Д. 13. Л. 1-71 http://statearchive.ru/assets/images/docs/n10/
3. Записка коменданта дома Ипатьева Я.М. Юровского о расстреле царской семьи и о попытках спрятать трупы (с пометами, сделанными М.Н. Покровским) - ГА РФ. Ф. 601. Оп. 2. Д. 27. Л. 31-34 http://statearchive.ru/assets/images/docs/232/
4. Убийство царской семьи/Николай Соколов. - Москва: Алгоритм, 2016. - 384с. - (Романовы. Тайны династии). ISBN 978-5-906861-09-2
5. Ипатьевская ночь/Э.С. Радзинский. - Москва: АСТ, 2007. - 272с. - (Золотая коллекция АИФ). ISBN 5-17-041661-X
6. Вопросительные знаки в "Царском деле"/ Юрий Жук. - СПб.: БХВ-Петербург, 2013. - 640с. - (Окно в историю) ISBN 978-5-9775-0895-7
7. Приказ № 3 коменданта Дома особого назначения Я.М. Юровского о назначении помощником коменданта Никулина, начальником команды всей наружной охраны Якимова, его помощниками Медведева и Сафонова - ГА РФ. Ф. 601. Оп.2. Д.34. Л. 34 http://statearchive.ru/assets/images/docs/123/
8. Григорий Никулин. Начальник МУРа в 1920-1921гг. // Петровка, 38.- № 14 (9615) от 24.04.2018 - http://petrovka-38.com/arkhiv/item/grigorij-nikulin-nachalnik-mura-v-1920-1921-gg

Riasanovsky, Nicholas V., and Mark D. Steinberg. A history of Russia. Oxford University Press, 2011, p. 412.

- *Figes, Orlando (1996). A People's Tragedy, The Russian Revolution 1891-1924. London: Pimlico. p. 650. ISBN 0-7126-7327-X.*

- • *Figes, Orlando. A People's Tragedy. p. 636.*

- • *"The terrible fate of Russia's last tsar and his family 100 years ago". medium.com. Retrieved July 12, 2018.*

- • Rappaport, p. 195"

- • The House of Government: A Saga of the Russian Revolution, p. 156

- • *Rappaport, Helen (2017). The Last Days of the Romanovs: Tragedy at Ekaterinburg. p. 200. ISBN 9780312603472.*

- • Rappaport, p. 200"

- • Қазақстан тарихы: Аса маңызды кезеңдері мен ғылыми мәселелері. Жалпы білім беретін мектептің қоғамдык- гуманитарлық бағытындағы 11-сыныбына арналған оқулық / М.Қойгелдиев, Ә.Төлеубаев, Ж.Қасымбаев, т.б. — Алматы: «Мектеп» баспасы, 2007. — 304 бет,суретті. ISBN 9965-36-106-1

- • *Jansen, Marc and Petrov, Nikita (2002). Stalin's Loyal Executioner: People's Commissar Nikolai Ezhov, 1895-1940. Stanford, Ca: Hoover Institution Press. p. 18. ISBN 978-0-8179-2902-2.*

- • *McSmith, Andy (2015). Fear and the Muse Kept Watch, The Russian Masters - from Akhmatova and Pasternak to Shostakovich and Eisenstein - Under Stalin. New York: New Press. pp. 159–160. ISBN 978-1-59558-056-6.*

- • *Jansen and Petrov (2002). Stalin's Loyal Executioner.*

- • Helen Rappaport, p. 215"

- *Murphy, David E (2005). What Stalin Knew, The Enigma of Barbarossa. New Haven: Yale U.P. pp. 237–8, 260. ISBN 0-300-10780-3.*

- Tundmatu sõjaroimar

- • Massimõrvadest hingerahuni

- Suur jalutuskäik harmooniumi ja kahe kärbsega

- Rendering of Yaroslavsky's pseudonym into the Latin alphabet is somewhat problematic owing to different systems of transliteration relating to the Cyrillic letter Я, the handling of the initial Cyrillic letter E, and the handling of the terminal combination —ий. "Yemelyan Yaroslavsky" is the standard rendering according to the British

system and "Emel'ian Iaroslavskii" the rendering according to the American/Library of Congress system, ignoring diacritical marks.

- John Barber, *Soviet Historians in Crisis, 1928-1932.* London: Macmillan, 1981; pg. 29.
- R.W. Davies et al. (eds.), *Soviet Government Officials, 1922-41: A Handlist.* Birmingham, England: Centre for Russian and East European Studies, University of Birminghamm 1989; pg. 404.
- Nina Tumarkin, *Lenin Lives! The Lenin Cult in Soviet Russia.* Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983; pg. 88.
- Tumarkin, *Lenin Lives!* pp. 166, 291 fn. 10.
- Barber, *Soviet Historians in Crisis,* pg. 122.
- Quoted in Daniel Peris, *Storming the Heavens: The Soviet League of the Militant Godless.* Ithaca, NY: Cornell University Press, 1998; pp. 41-42.
- Perris, *Storming the Heavens,* pg. 42.
- Edmund Simmons, *Russia is No Riddle.* Whitefish, MT: Kessinger Publishing, 2005; pg. 75; Thomas Fitzsimmons, *RSFSR: Russian Soviet Federated Socialist Republic,* vols. 1 and 2. New Haven, CT: Human Relations Area Files, 1957; pg. 579.
- E. Iaroslavskii, "Bol'sheviki — Prodolzhateli lushchikh patrioticheskikh traditsii russkogo naroda" (The Bolsheviks — Continuers of the Best Patriotic Tradition of the Russian People), *Pravda*, December 27, 1941, pg. 3; quoted in David Brandenberger, *National Bolshevism: Stalinist Mass Culture and he Formation of Modern Russian National Identity, 1931-1950.* Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002; pg. 119.
- Brandenberger, *National Bolshevism*, pp. 119-120.

- "Коган Л.И." at protivpytok.org, citing book: KI Zaleski Who's who in the NKVD. M. .1999. (in Russian)

- "Коган Лазарь Иосифович" at hrono.ru, citing book: В.Абрамов. "Евреи в КГБ. Палачи и жертвы." М., Яуза - Эксмо, 2005 (in Russian)

1.

- *Koifman, Gregory (2008-01-23). Душанский Нахман Ноахович (in Russian). I Remember.*
- *Narvydas, Rytas (2010). "Dušankis, Nachmanas". Lietuva (in Lithuanian). **II**. Mokslo ir enciklopedijų leidybos centras. p. 529. ISBN 978-5-420-01639-8.*
- *Tracevskis, Rokas M. (2001-04-12). "Court sentences Soviet butcher to life". The Baltic Times. ISSN 1407-2300.*
- *Baltic News Service (2002-07-18). "Izraelio argumentai N.Dušanskio byloje - absurdiški?" (in Lithuanian). Delfi.lt.*
- *Zuroff, Efraim (Spring 2005). "Eastern Europe: Anti-Semitism in the Wake of Holocaust-Related Issues". Jewish Political Studies Review. **1–2** (17). ISSN 0792-335X.*
- *Brackman, Roman (2006). Israel at High Noon: From Stalin's Failed Satellite to the Challenge of Iran (em inglês). [S.l.]: Enigma Books. p. 41*

• • *Schecter, Jerrold L.; Schecter, Leona (2002). Sacred Secrets: How Soviet Intelligence Operations Changed American History (em inglês). [S.l.]: Brassey's. p. 52*

• • *Homberger, Eric; Biggart, John; Monokroussos, Platon (1992). John Reed And The Russian Revolution: Uncollected Articles Letters And Speeches On Russia 1917-1920 (em inglês). Londres: Springer. p. 299. ISBN 978-1-349-21838-7*

• *Britton, Frank L. (2012) [1952]. Behind Communism (em inglês). Raleigh, NC: Ostara Publications. p. 146. ISBN 978-1-300-06605-7*

Cienciala, Anna M.; Wojciech Materski (2008). Katyn: a crime without punishment. Yale University Press. p. 404. ISBN 978-0-300-10851-4.

• Ministers of Internal Affairs. Ministry of the Russian Federation. accessed 17 July 2017

• • Sebag-Montefiore, Simon *Stalin: The Court of the Red Tsar*, chapter 21.

• • Service (2009), chapter 11.

• • Marc Jansen and Nikita Petrov, *Stalin's Loyal Executioner: People's Commissar Nikolai Ezhov, 1895-1940* (Hoover Institution Press, 2002: ISBN 0-8179-2902-9), p. 210.

• • *The Newseum (Sep 1, 1999). ""The Commissar Vanishes" in The Vanishing Commissar". Retrieved Sep 30, 2012.*

• • *"N.I. Yezhov: Biographical Notes".*

• • N. Mandelstam, *Hope Against Hope* (Collins & Harvill Press, 1971), page 322.

• • *Steve Phillips (2000). Stalinist Russia. Heinemann. p. 42. ISBN 0435327208. Retrieved 12 August 2015.*

• • Unknown roman of Mikhail Sholokov Archived 2013-01-24 at the Wayback Machine., by Aleksei Pavlukov, Ogoniok. Khayutina-Ezhova was a friend and had intimate relationships with several Soviet writers including Mikhail Sholokhov.

• • *Magadan, Mark Franchetti. ""Daughter fights to clear Stalin's hitman"". Times of London. Retrieved 30 September 2018.*

• • Pons, Silvio; Service, Robert (editors) *A Dictionary of 20th Century Communism*, Princeton University Press 2010.

• • Jansen and Petrov, *Stalin's Loyal Executioner*, p. 56.

• • *Basseches, Nikolaus. "Stalin by Nikolaus Basseches".*

• • Sebag-Montefiore, 219.

• • Sebag-Montefiore, 222.

• • Sebag-Montefiore, p. 218.

• • Figes, Orlando (2007) *The Whisperers: Private Life in Stalin's Russia* ISBN 0-8050-7461-9, page 234.

• • Jansen and Petrov, *Stalin's Loyal Executioner*, p. 140.

• • *Faria, MA (January 8, 2012). "Stalinism, Bolsheviks, and the Revolution's Fatal Statistics". Macon Telegraph, p. 4-D. Retrieved 5 September 2012.*

• • Jansen and Petrov, *Stalin's Loyal Executioner*, pp. 143-44.

• • *Faria, MA (Dec 23, 2011). "Book Review of Beria — Stalin's First Lieutenant by Amy Knight". Retrieved 5 September 2012.*

• • Jansen and Petrov, *Stalin's Loyal Executioner*, pp. 166-70.

• • Jansen and Petrov, *Stalin's Loyal Executioner*, pp. 163-66.

• • Jansen and Petrov, *Stalin's Loyal Executioner*, pp. 151-52.

• • Jansen and Petrov, *Stalin's Loyal Executioner*, p. 181.

• • Jansen and Petrov, *Stalin's Loyal Executioner*, p. 182.

• • Sebag-Montefiore, 275.

• • Kudrinskikh, A. *Nikolai Yezhov: Bloody dwarf* Moscow, 2006.

• • See J. Arch Getty and Oleg V. Naumov, *Yezhov: The Rise of Stalin's "Iron Fist"*. New Haven, CT: Yale University Press, 2008, p. 12.

• • Statement by the defendant N.I. Yezhov to the investigative unit of the NKVD 24.04.1939. — FSB Central archive. Ф. 3-ос. Оп. 6. Д. 3. Л. 420—423. Online-project «Historical materials» (istmat.info) (Yezhov declares that torture was applied to him, and that he confessed after this)

• • Jansen and Petrov, *Stalin's Loyal Executioner*, p. 185.

• • Jansen and Petrov, *Stalin's Loyal Executioner*, p. 191.

• • Jansen and Petrov, *Stalin's Loyal Executioner*, p. 187.

• • Jansen and Petrov, *Stalin's Loyal Executioner*, p. 187-188.

• • Montefiore, ch. 29, p. 324

• • Jansen and Petrov, *Stalin's Loyal Executioner*, p. 188-189.

• • *Simon Sebag Montefiore (Dec 18, 2007). "The Great Game". Stalin: The Court of the Red Tsar. Random House Digital. p. 324. ISBN 0307427935. Retrieved March 23, 2013.*

• • Montefiore, 288

- *"COMMUNISTS: The Hunter". Time. March 22, 1948. Retrieved May 20, 2010.*
- Sebag-Montefiore, 203.
- *Gregory, Paul R. (2013-09-01). Women of the Gulag: Portraits of Five Remarkable Lives. Hoover Institution Press. ISBN 9780817915766.*
- Jansen and Petrov, *Stalin's Loyal Executioner*, p. 190.

Escrito por Guilherme Wilbert